

Grande Loja Symbolica do Rio de Janeiro

Este RITUAL DE APRENDIZ-MAÇON é o unico a ser usado, na Jurisdicção desta Grande Loja Symbolica, para os trabalhos do primeiro gráo symbolico do Rito Escocez Antigo e Aceito, de accôrdo com o Art. 6.º do TRATADO assignado entre a mesma e o Soberano Supremo Conselho do Gráo 33 do Rito Escocez Antigo e Aceito para os Estados Unidos do Brasil

N. 514

Entregue á LOJ.: SYMB.: *Estrella do Norte* N. 7,
ao Or.: de *Rio Janim*, da Obediencia desta
Grande Loja, aos 18 dias de *Julho* de 1931 (E.: V.:)

O Grande Secretario

Luiz de Azevedo

O presente exemplar é destinado ao uso pessoal do Ir.:
Jose Elias de Moraciniado a 18 de
Setembro de 1931, na Loja Symbolica
Estrella do Norte, ao Or.: de *Rio Janim*, Estado
de _____ aos 18 de *Julho* de 1931.

O Veneravel Mestre

Luiz de Azevedo

O Orador

Miguel de Azevedo

O Secretario

Maria de Azevedo

Sellado e carimbado por r. im Chancellor

(Carimbo da Loja)





○ Aprendiz

Rit.: Esc.: Ant.: e Acc.:



LOJA DE APRENDIZ

DA MAÇONARIA

A Maçonaria tem sido definida por varios modos. As mais correntes definições são:

I—A Ordem Maçonica é uma associação de homens sabios e virtuosos que se consideram irmãos entre si e cujo fim é viver em perfeita igualdade, intimamente unidos por laços de reciproca estima, confiança e amisade, estimulando-se, uns aos outros, na pratica das virtudes.

II—E' um systema de Moral, velado por allegorias e illustrado por symbolos.

Embora imperfeitas, essas definições nos dão a convicção de que a Ordem Maçonica foi sempre e deve continuar a ser, a UNIAO consciente de homens intelligentes, virtuosos, desinteressados, generosos e devotados, Irmãos livres e iguaes, ligados por deveres de fraternidade para se prestarem mutua assistencia e concorrerem, pelo exemplo e pela pratica das virtudes, para esclarecer os homens e para preparal-os para a emancipação progressiva e pacifica da Humanidade.

E', pois, um *systema* e uma *escola*, não só de Moral como de Philosophia social e espiritual, reveladas por allegorias e ensinadas por symbolos, guiando seus adeptos á pratica e ao aperfeiçoamento dos mais elevados deveres do homem-cidadão, patriota e soldado.

Apesar de seus nobres e sublimes fins, a Maçonaria foi entre nós, como entre alguns povos, muito desvirtuada, pois, abrindo despreocupadamente suas portas, deixou, pela falta de escrupulo na selecção de seus iniciandos, que seus Templos fossem invadidos por uma multidão heterogenea que, aos poucos, esquecida ou alheia aos fins sociaes, foi lentamente se transformando em sociedade de auxilios e elogios mutuos, com inclinação para a acção politica militante, regida por principios de moralidade barata e movimentada por interesses inconfessaveis.

O objectivo do Rito Escocez Antigo e Aceito, em todo o mundo e, principalmente no Brasil, é restabelecer a Maçonaria em seu antigo e verdadeiro character de Apostolado da mais Alta Moralidade, da pratica das Virtudes, da Liberdade debaixo da Lei, da Igualdade, segundo o merito, *com subordinação e disciplina* e da Fraternidade com deveres mutuos, ampliando o limite das faculdades moraes e infundindo, nos usos e nos costumes da sociedade civil, os são principios da philosophia humanitaria.

Para o Rito Escocez Antigo e Aceito, a Maçonaria é o progresso continuo, por ensinamentos em uma serie de grãos, visando, por iniciações successivas, incutir no intimo dos homens a LUZ CELESTIAL, ESPIRITUAL E DIVINA, que, afugentando os baixos sentimentos de materialidade, de sensualidade e de mundanismo e invocando sempre o Grande Architecto do Universo, os torne dignos de si mesmos, da Familia, da Patria e da Humanidade.

O nosso Rito declara como principios fundamentaes:

- 1—A Maçonaria proclama, como sempre proclamou desde sua origem, a existencia de um PRINCIPIO CREADOR, sob a denominação de GRANDE ARCHITECTO DO UNIVERSO;
- 2—A Maçonaria não impõe nenhum limite à livre investigação da Verdade e é para garantir a todos essa liberdade, que ella exige de todos a maior tolerancia;
- 3—A Maçonaria é, portanto, accessivel aos homens de todas as classes e de todas as crenças religiosas e politicas;
- 4—A Maçonaria prohibe, em suas officinas, toda e qualquer discussão sobre materia politica ou religiosa; recebe profanos, quaesquer que sejam as suas opiniões politicas e religiosas, pobres, embora, mas livres e de bons costumes;
- 5—A Maçonaria tem por fim combater a ignorancia em todas as suas modalidades; é uma escola mutua que impõe este programma: *obedecer ás leis do Paiz; viver segundo os dictames da honra; praticar a Justiça; amar o proximo; trabalhar incessantemente pela felicidade do genero humano e conseguir a sua emancipação progressiva e pacifica;*

A par desta DECLARAÇÃO DE PRINCIPIOS, a Maçonaria proclama, tambem, as seguintes doutrinas sobre que se apoia:

«Para elevar o homem aos proprios olhos, para tornal-o digno de sua missão sobre a Terra, a Maçonaria erige em dogma que o Grande Architecto do Universo deu ao mesmo, como o mais precioso dos bens, a liberdade, patrimonio da Humanidade toda, scintillação celeste que nenhum poder tem o direito de obscurecer ou de apagar e que é a fonte de todos os sentimentos de honra e de dignidade».

«Desde a preparação do primeiro grão até a obtenção do mais elevado da Maçonaria Escoceza, a condição primordial, sem a qual nada se concede ao aspirante, é uma reputação de honra illibada e de probidade incontestada».

«A'quelle para quem a religião é o consolo supremo, a Maçonaria diz: Cultiva a tua religião ininterruptamente, segue as inspirações de tua consciencia; a Maçonaria não é uma religião, não professa um culto; quer a instrucção leiga; sua doutrina se condensa toda nesta maxima—AMA A TEU PROXIMO».

«A'quelle que, com razão, teme as discussões politicas, a Maçonaria diz: «Eu condemno qualquer debate, qualquer discussão em minhas reuniões; serve fiel e devotadamente á tua Patria e não te pedirei contas de tuas crenças politicas. O amor da Patria é perfeitamente compativel com a pratica de todas as virtudes; a minha Moral é a mais pura, pois funda-se sobre a primeira das virtudes—A SOLIDARIEDADE HUMANA».

«O verdadeiro maçon pratica o Bem e leva a sua solicitude aos infelizes, quaesquer que elles sejam, na medida de suas forças. O maçon deve, pois, repellar com sinceridade e desprezo, o egoismo, a immoralidade».

Os ensinamentos maçonicos induzem seus adeptos a dedicarem-se á felicidade de seus semelhantes, não porque a razão e a justiça lhes imponham esse dever, mas porque esse sentimento de solidariedade é a qualidade innata que os fez filhos do Universo e amigos de todos os homens, fiéis observadores da Lei de Amor e Sympathia que Deus estabeleceu no Planeta.

Do Templo Maçonico

O Templo tem a forma de um rectangulo, no Occidente, e de um quadrado, no Oriente. Este é separado daquelle por uma grade — a Grade do Oriente— e tem o soalho mais elevado, para onde se sobe por quatro degrãos baixos. No meio da Grade do Oriente, ha uma passagem de largura proporcional ao comprimento, composta de pequenas columnas, de 1 m. a 1 m. e 30, encimadas por uma barra horizontal.

A entrada principal do Templo fica no Occidente.

O soalho do Occidente é representado pelo *mosaico*, composto de losangos alternadamente brancos e pretos, cercados pela *orla dentada* azul celeste e pela corda de 81 nós ou voltas. Nos extremos dos eixos principaes do *mosaico* ficam as letras correes pondentes aos quatro pontos cardeaes. (Pag. 15)

No eixo principal do Templo, proximo ao fundo do Oriente, fica, em um estrado de tres pequenos degráos, o *throno*, destinado ao Veneravel Mestre e de fôrma triangular, onde repousam uma espada desembainhada, um malhete, objectos de escripta e um candelabro de tres luzes. (1) De cada lado da cadeira do Veneravel Mestre haverá uma cadeira e uma columna de ordem composita, ligadas estas por um arco do meio do qual penderá um triangulo equilatero em cujo centro estará, suspensa por arames invisiveis, a letra hebraica י (iod). Por sobre o throno, um docel triangular de damasco azul celeste com franjas brancas.

A' direita e um pouco á frente do throno, fica o Altar dos Perfumes, formado por uma columna torsa, curta e truncada.

Entre a entrada principal e o Sul fica o Altar das Oblações, de fôrma igual ao precedente, e onde descança o *Mai de Bronze*.

No Oriente, de cada lado e pouco adeante do Throno, ficam uma mesa quadrangular e um assento, á direita, para o Orador, e á esquerda para o Secretario. Fóra do Oriente, proximo á grade e na mesma linha das mesas precedentes, ficam, á direita, uma mesa igual para o Thesoureiro e, á esquerda, outra para o Chancellor.

Todas as mesas e altares deverão ser revestidos de cortinas bordadas, com franjas e orlas de galão, pendidas até o chão.

Nas faces das cortinas dos altares das tres luzes, existirão bordados, ou pintados, no centro: um Esquadro (Veneravel), um Nivel (1.º Vigilante) e um Prumo (2.º Vigilante).

No eixo do Templo, proximo á grade do Oriente, fica o Altar dos Juramentos, sem, entretanto, impedir a passagem de uma para outra parte do Templo. Este Altar tem a forma de prisma triangular, de cerca de um metro de altura, com 66 centímetros em cada face, tendo como tampo uma chapa dourada com chammas ou chifres de bronze, ou de latão, em cada angulo. Sobre este Altar ficam:

(1) : Para chegar ao solio, onde fica o Throno do Ven.º Mest.º é necessario subir *Sefe* (7) degráos, por *Quatro* (4) e *Tres* (3).

Os quatro primeiros degráos representam :

Força, Trabalho, Sciencia e Virtude.

Os tres do Throno são :

Pureza, Luz e Verdade.

o Livro da Lei (2), um Esquadro com as pontas voltadas para o Oriente e um Compasso aberto em 60° e com as pontas voltadas para o Occidente e por sob as do Esquadro. Nos lados do Oriente, Sul e Norte deste Altar, fica accesa uma vela de cera amarella, collocadas em castiças de 1 metro e doze centímetros de altura.

Entre a grade do Oriente e este Altar, será, nas occasiões opportunas, estendido o PAINEL DA LOJA.

Entre os assentos das tres luzes da Loja e as paredes deverá existir espaço bastante para a passagem de uma pessoa.

De cada lado da entrada do Templo, fica uma Columna, de altura proporcional á porta. Estas Columnas são encimadas por capiteis, com sete ordens de malhas entrelaçadas. Rematando os capiteis, duas ordens de romãs ao redor das malhas. A Columna da direita chama-se J.: e a da esquerda B.:.

No Altar dos Perfumes haverá uma tripode e vasilhame contendo perfumes a serem queimados.

Na mesa do Thesoureiro, onde haverá duas luzes, ficam, além do necessario á escripta, o Sacco de Solidariiedade e, nas sessões de iniciação, os attributos destinados ao iniciando. Na do Secretario, onde tambem haverá duas luzes, ficam o livro de actas e o Sacco de Propostas e Informações. Na do Chanceller, o registo de visitantes e a Caixa dos Escrutinios.

As paredes do Templo devem ter a cor azul celeste. Em volta da parede, junto ao tecto, uma corda com 81 nós, ou voltas, cujas pontas penderão aos lados da entrada principal.

O tecto do Templo representa o céu. Do lado do Oriente, um pouco á frente do throno, o Sól; por sobre os Altares dos 1.º e 2.º Vigilantes, respectivamente, a Lua e uma Estrella de cinco pontas. Estes emblemas poderão ser pintados ou em relevo, ou então, pendentos do tecto.

No centro do tecto, tres estrellas da constellação de Orion. Entre estas e o nordeste, ficam as Pleiades, Hyadas e Aldebaran; a meio caminho, entre Orion e o noroeste, Regulus, do Leão; ao Norte, a Ursa Maior; a noroeste, Arcturus (em vermelho); a

(2) LIVRO DA LEI é o LIVRO SAGRADO de cada religião, onde os crentes julgam existir as verdades pregadas por seus prophetas. Assim, o Juramento deve ser prestado sob e o Livro Sagrado da crença do iniciando, pois, pelos principios basicos da Maçonaria, deve haver o maximo respeito ás crenças de cada um.

leste, a Spica, da Virgem; a Oeste, Antares; ao Sul, Fomalhaut. No Oriente, Jupiter; no Occidente, Venus; Mercurio junto ao Sól e Saturno, com seus Satellites, proximo a Orion.

As estrellas principaes são: 3 de Orion; 5 Hyadas e 7 das Pleiades e Ursa Maior. As estrellas chamadas reaes são: Aldebaran, Arcturus, Regulus, Antares e Fomalhaut.

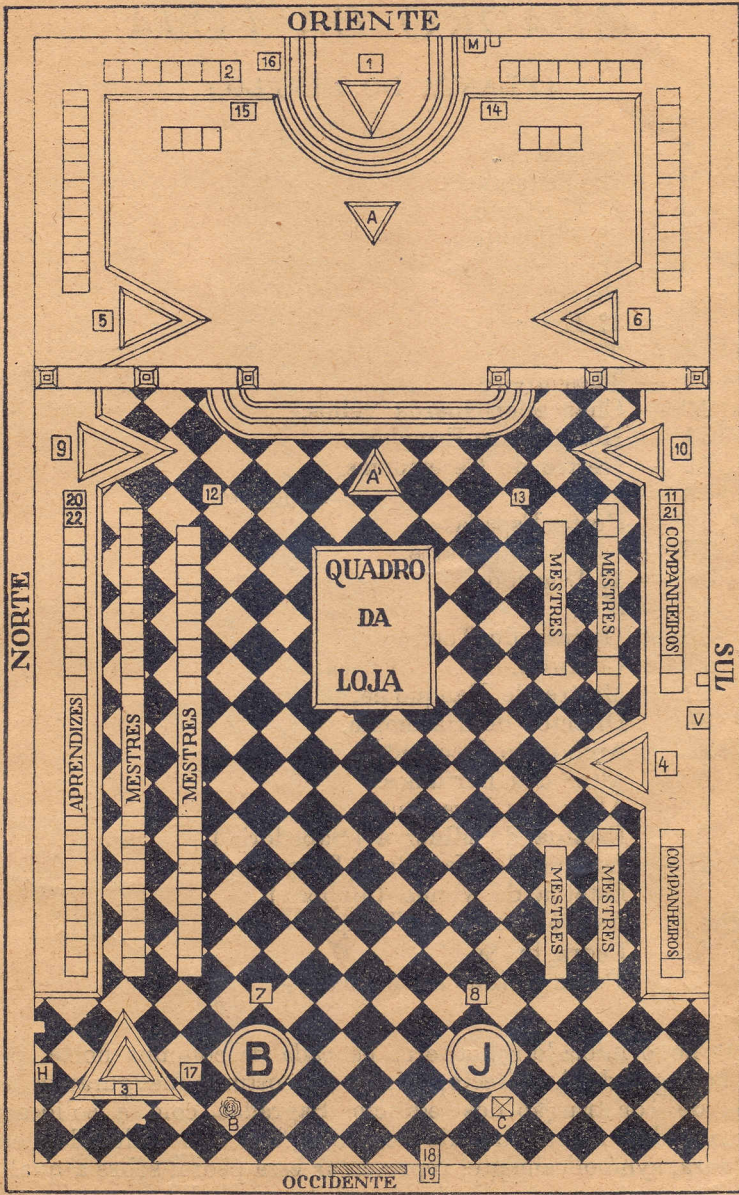
O Estandarte da Loja fica ao Norte, no topo da Grade do Oriente, e a Bandeira Nacional, ao sul, no outro topo da Grade.

Os obreiros sentam-se nas partes Norte e Sul do corpo do Templo. Os assentos e os irmãos de cada uma dessas partes denominam-se — *Columns*.

O 1.º Vigilante tem assento á esquerda da Columna do norte e o 2.º Vigilante no Sul, a meia distancia entre a columna e a Grade do Oriente. Os altares dos vigilantes ficam sobre um estrado e tem a mesma fórma do throno do Veneravel Mestre. Sobre esses altares ficarão aléin de um candelabro de tres luzes e um malhete: no do 1.º Vigilante, uma Columna de ordem corynthia e uma pedra bruta; no do 2.º Vigilante, uma Columna de ordem jonica e uma pedra polida. O estrado do 2.º Vig. tem um e o do 1.º Vgi. dois degrãos.

A collocação dos Officiaes está determinada no quadro annexo.





QUADRO DA LOJA

(PLANTA DO TEMPLO)

- 1 — Veneravel. ✓
- 2 — Ex-Veneraveis. ✓
- 3 — 1º Vigilante. ✓
- 4 — 2º Vigilante. ✓
- 5 — Orador. ✓
- 6 — Secretario. ✓
- 7 — 1º Experto. ✓
- 8 — 2º « ✓
- 9 — Thesoureiro. ✓
- 10 — Chanceller-Guarda Sellos. ✓
- 11 — Hospitaleiro-Esmoler. ✓
- 12 — Mestre de Ceremonias. ✓
- 13 — « « » Adjuncto. ✓
- 14 — Porta Espada. ✓
- 15 — « Estandarte. ✓
- 16 — 1º Diacono ✓
- 17 — 2º » ✓
- 18 — Guarda do Templo. ✓
- 19 — Cobridor. ✓
- 20 — Mestre de Banquetee. ✓
- 21 — Director de Harmonia. ✓
- 22 — Architecto Decorador. ✓
- A — Altar dos Perfumes. ✓
- A' — Altar dos Juramentos. ✓
- M — Estatua de Minerva (Sabedoria). ✓
- H — Estatua de Hercules (Força). ✓
- V — Estatua de Venus (Belleza). ✓
- B e J — As Columnas do Templo. ✓
- B — Pedra bruta. ✓
- C — Pedra polida ou cubica. ✓

O novo iniciado senta-se na bancada da columna norte, próximo ao logar do Architecto, pois sendo costume inaugurar os trabalhos de construcção dos edificios Sagrados, com a collocação de uma pedra no seu angulo nordeste, fica elle collocado nesse logar para, simbolicamente, representar essa pedra, sobre a qual se deve apoiar uma super-estructura perfeita, em todas as suas partes, e honrosa para o constructor, que é elle proprio.

Da Sala dos Passos Perdidos — Do Atrio e da Camara das Reflexões

Na frente do Templo deve existir uma ante-sala—a Sala dos Passos Perdidos —, tão confortavel quanto possivel, para a recepção dos visitantes e permanencia dos obreiros. Seu mobiliario será adequado ás posses da Loja. Sobre uma mesinha, nesta sala, fica o Livro de registo de visitantes e de presença dos obreiros, onde todos lançarão seu *ne-varietur*. Entre a Sala dos Passos Perdidos e o Templo haverá um pequeno compartimento—o Atrio —, com tres portas: uma para a Sala dos Passos Perdidos, outra para a Camara das Reflexões e a terceira para o Templo. No Atrio, além de algumas cadeiras, armarios, ficarão as Estrellas para recepção dos Visitantes e o assento do Cobridor, que ali permanecerá durante as sessões Loja.

A Camara de Reflexões é o local onde se recolhe o profano antes de sua iniciação. Poderá ter porta de communicação com o Templo, á esquerda do Altar do 1.º Vigilante. Nesta Camara não deve penetrar luz exterior, devendo, ser sómente illuminada por uma lampada fosca. Suas paredes são de cor preta, com emblemas funebres em branco. Na parede, por sobre a mesa, destinada á escripta do testamento e onde haverá papel, tinta e caneta e uma campainha, estarão pintados, em branco, um gallo e uma ampuheta, tendo por debaixo, as palavras: VIGILANCIA—PERSEVERANÇA. Ao lado esquerdo da mesa, na parede, pintado, um esqueleto humano. Espalhadas pelas paredes e em tinta branca, as seguintes inscrições:

- «Si a curiosidade aqui te conduz, retira-te.»
- «Si queres bem empregar a tua vida, pensa na morte.»
- «Si tens receio que descubram os teus defeitos, não estarás bem entre nós.»
- «Si tens o proposito de auferir lucros materiaes da Maçonaria, retira-te.»
- «Si és apegado ás distincções humanas, retira-te, pois nós aqui não as conhecemos.»
- «Si fores dissimulado, serás descoberto.»
- «Si tens medo, não vás adiante.»
- «Deus julga os justos e os peccadores.»
- «Somos pó e ao pó tornaremos.»

Dos Officiaes de uma Loja Symbolica

Os Officiaes de uma Loja Symbolica são :

- 1—Veneravel Mestre.
- 2—1º Vigilante.
- 3—2º Vigilante.
- 4—Secretario.
- 5—Orador.
- 6—Thesoureiro.
- 7—Chancellor.
- 8—Hospitaleiro.
- 9—1º Diacono.
- 10—2º Diacono.
- 11—Mestre de Cerimonias.
- 12—Architecto.
- 13—Mestre de Banquetes.
- 14—Porta Estandarte.
- 15—Guarda do Templo.
- 16—Expertos (1º e 2º)
- 17—Cobridor.

As Lojas deverão possuir *Columna de Harmonia* a cargo de um Irmão.

Dos Titulos, Distincções e Trajes

O Presidente tem o titulo de Veneravel-Mestre; os demais dignitarios são indistincta e simplesment intitutados —IRMÃO, sendo absolutamente prohibido a quem quer que seja titulo ou designação que expressamente não esteja determinada nos Rituaes; tambem não se conhecem grãos superiores ao de Mestre-Maçõn.

As Joias dos Dignitarios e Officiaes são as seguintes :

Veneravel-Mestre, Esquadro, Compasso, Arco de Circulo, Sol e o Olho que Tudo Vê.

- 1º Vigilante, Nivel.
- 2º Vigilante, Prumo.
- Secretario, 2 pennas cruzadas.
- Orador, Livro aberto.
- Thesoureiro, Uma chave.
- Chancellor, Timbre da Loja.
- 1º Diacono, Malho.
- 2º Diacono, Trolha.

Mestre de Cerimonias, Regua.
Mestre de Banquetes, Dois bastões cruzados.
Porta estandarte, Estandarte.
Guarda do Templo, Duas Espadas cruzadas.
Esperto, Punhal.
Cobridor, Alfange.

Para as sessões magnas o traje de rigor é preto, com luvas brancas. Na estação calmosa, porém, o traje poderá ser branco, com gravata preta.

Em Loja de Aprendiz sómente o Veneravel Mestre trará á cabeça um chapéo de feltro preto e molle.

Todos os Mestres usarão espada suspensa, á cintura, em cinto de couro preto.

A insignia de aprendiz é um *aventail de pelle branca*, quadrangular, de 0m35 x 0m40, com abeta triangular, preso á cintura por cordões ou fita de seda branca. A abeta estará sempre levantada.

Nás sessões, todos os irmãos deverão usar seus aventaes e demais insígnias dos grãos symbolicos que possuírem. Os Officiaes usarão collares de fita de 10 centímetros de largura, terminando em ponta sobre o peito, com a joia do cargo. As tres Luzes (Veneravel, 1.º e 2.º Vigilantes) usarão punhos de seda orlados de galão tendo na face externa, bordados, o attributo do respectivo cargo e o nome da Loja.

Dos Visitantes

Todos os irmãos regulares têm o direito de visitar as lojas regulares, obedientes ás GGr.: LLoj.: do Brasil, sujeitando-se, porém, ás prescripções do trolhamento e ás disposições disciplinares estabelecidas pela Loja visitada, em cujo livro de registro de Visitantes gravarão seu «NE VARIETUR, depois de apresentarem os documentos de sua regularidade maçonica. Em sessão, sentar-se-ão nos lugares que lhes forem indicados pelo Mestre de Cerimonias.

Nas visitas collectivas ou individuaes a uma Loja, serão obrigatoriamente, feitas ao visitante as seguintes perguntas, entre, Columnas, depois da saudação ás Luzes :

Ven.:—Sois Maçon ?

Visit.:—M.:i.:c.:t.:m.:r.:.

Ven.:—De onde vindes ?

Visita.:—De uma Loja de S. João, Justa e Perfeita.

Ven.:—Que trazeis ?

Visit.:—Amisade, paz e votos de prosperidade a todos os irmãos.

Ven.:—Nada mais trazeis ?

Visit.:— O Ven.: Mest.: de minha Loja v.: s.: P.: T.:
v.: t.:

Ven.:—Que se faz em vossa Loja ?

Visit.:—Levantam-se templos á Virtude e cavam-se masmorras ao vicio.

Ven.:—Que vindes fazer aqui ?

Visit.:—Vencer as minhas paixões, submeter a minha vontade e fazer novos progressos na Maçonaria, estreitando os laços de fraternidade que nos unem como verdadeiros irmãos.

Ven.:—Que desejais ?

Visit.:—Um lugar entre vós.

Ven.:—Este vos é concedido. Ir.: M.: de CC.: conduzi os nossos Irmãos aos lugares que lhes competem. Sentemo-nos, meus Irmãos.

Só devem ser admittidos como visitantes, irmãos que exhibam seus documentos de regularidade e que se mostrem, pelo tralhamento, perfeitos conhecedores dos signaes, toques e palavras, etc., salvo se já forem conhecidos, pelo menos de dois obreiros, que por elle se responsabilisarão.

Convem lembrar que é no grão de aprendiz que deve haver todo o rigor, pois os mystificadores são, nesse grão, em maior quantidade.

Quando o irmão visitante for conhecido e *haja visitado a Loja*, poderá entrar conjuntamente com os demais membros da Loja.

Festas

Além dos dias festivos, prescriptos pelos regulamentos das Grand s Lojas e das Lojas, todos os membros devem se reunir em banquete maçônico nos dias 24 de Junho, nascimento de S. João Baptista, e 27 de Dezembro, nascimento de S. João Evangelista. Havendo impedimento sério, o banquete poderá ser realizado em outro dia, proximo á data.

Ordem dos trabalhos

A ordem a ser observada, *rigorosamente*, nos trabalhos de uma Loja Symbolica é a seguinte :

1—Abertura ritualistica.

2—Leitura da acta, seguida de observações e aprovação.

- 3—Leitura do expediente, a que o Veneravel Mestre dará destino conveniente e sobre o qual não haverá discussão.
- 4—Sacco de Propostas e Informações.
- 5—Ordem do dia, préviamente organizada pelo secretario, ouvido o Veneravel Mestre (Pareceres, petições, assumptos dependentes de discussão e approvação).
- 6—Escrutiniõs secretos para admissão de membros.
- 7—Entrada de visitantes.
- 8—Iniciações, filiações e regularisações. Não tendo de se realisar nenhuma dessas ceremonias, far-se-á, systematicamente, a instrucção, desde que existam aprendizes.
- 9—Tronco de Solidariiedade.
- 10—Palavra a bem da Ord.: em geral e do quadro.
- 11—Encerramento ritualistico dos trabalhos. Juramento de segredo.
- 12—Cadêa de União, quando houver necessidade de circular a palavra semestral.

Em todas as partes dos trabalhos deverão ser observados gorosamente os rituaes.

Nenhum irmão poderá retirar-se do Templo, sem a devida permissão do Veneravel Mestre e antes de collocar o seu obulo no Tronco de Solidariiedade.

Abertura dos Trabalhos

Ninguém terá ingresso no Templo, qualquer que seja o pretexto, antes da hora fixada, salvo os irmãos que tiverem de preparam-o para as ceremonias.

A' hora fixada, o Irmão Mestre de Ceremonias, depois de estarem todos os presentes devidamente revestidos de suas insignias e trajados conforme o ritual, formará uma dupla fila na seguinte ordem :

Dois a dois, os aprendizes e os companheiros, estes do lado Sul e aquelles do lado Norte, á frente os mais modernos ; logo a seguir, os Mestres, depois os Officiaes, menos as tres luzes, cada um do lado da respectiva Columna ; em seguida os visitantes, caso não tenham de ser recebidos com formalidades ; após, os ex-veneraveis e, finalmente, os dois Vigilantes, precedendo o Veneravel-Mestre.

Organizada a fila dupla, o Mestre de Ceremonias, pondo-se á frente, dará um golpe com o seu bastão e o Cobridor abrirá a porta do Templo. Todos romperão a marcha com o pé esquerdo e dirigir-se-ão para o Templo. A' medida que forem entrando, cada

qual vae occupar seu lugar, conservando-se de pé, mas sem estar á ordem, voltado para o eixo do Templo, ficando o Mestre de Ceremonias no lado occidental do *mosaico* para acompanhar o Veneravel ao throno. Logo que o Veneravel Mestre entrar, o Guarda do Templo fecha a porta. Voltando a occupar seu lugar, o Mestre de Ceremonias verificará si todos estão perfeitamente collocados, após cuja verificação dirá: *Os lugares estão preenchidos, Veneravel Mestre.*

Durante a marcha, o orgão executará uma musica lenta e os irmãos poderão acompanhal-a com um cantico apropriado

Não poderão ter ingresso no templo os irmãos que *não estiverem devidamente trajados* e revestidos de suas insignias.

Feita a comunicação pelo Mestre de Cerimonias, o Veneravel Mestre dá um golpe de malhete e todos se sentam.

*

**

Ven.:— (!) Em loja, meus Irmãos. Ir.: 1º Vigilante, qual é o primeiro de vossos deveres em loja?

1º Vig.:—Verificar si o Templo está coberto.

Ven.:—Certificae-vos disso, meu Ir.:?

1º Vig.:—Ir.: Guarda do Templo, cumpri vosso dever.

O G.: do Temp., de espada em punho, entreabre a porta, verifica si o Cobridor está a postos, fecha a porta e dá, na mesma, com o punho da espada, a bateria, que será repetida pelo Cobridor.

G.: do Temp.:—Ir.: 1º Vig.:, o Templo está coberto.

1º Vig.:—O Templo está coberto, Veneravel Mestre.

Ven.:—Qual o segundo de vossos deveres, Ir.: 1º Vig.:?

1º Vig.:—Verificar si todos os presentes são Maçons.

Ven.:—Fazei essa verificação.

1º Vig.:— (!) De pé e á ordem, meus Hr.:..

Todos os irmãos levantam-se e ficam á ordem. Terminada a verificação dos que se acharem nas columnas:

1º Vig.:—Ven.: Mestr.:, todos os presentes, pelo signal que fazem, são maçons.

Ven.:—Tambem os do Oriente. (!) Sentae-vos, meus Hr.: (*pausa*) Ir.: Orador, que se torna preciso para abertura dos trabalhos?

Orador—Que estejam presentes, no minimo, sete irmãos, dos quaes pelo menos tres Mestres e que todos estejam revestidos de suas insignias.

Ven.:—Ir.: Secr.:, ha numero legal?

Secr.:—

Ven.:—Ir.: M.: de CC.:, a Loja está composta?

M.: de CC.:—Sim, Ven.:. Mestr.:, os cargos estão preenchidos e todos os presentes se acham revestidos conforme o uso da Loja.

Ven.:—Qual é o vosso lugar, Ir.:. 2º Diac.:?

2º Diac.:—(*levantando-se e ficando á ordem*) A' direita do altar do Ir.:. 1º Vig.:.

Ven.:—Para que, meu Ir.:?

2º Diac.:—Para ser o executor e o transmissor de suas ordens e velar para que os Ir.:. se conservem nas CCol.: com o devido respeito, disciplina e ordem.

Ven.:—Onde tem assento o Ir.:. 1º Diac.:?

2º Diac.:—A' direita e abaixo do sólio, Ven.:. Mestr.:. (*Saúda e senta-se*).

Ven.:—Para que occupais esse lugar, Ir.:. 1º Diac.:?

1º Diac.:—(*levantando-se e ficando á ordem*) Para transmittir vossas ordens ao Ir.:. 1º Vig.: e a todos os Dignitarios e Officiaes, afim de que os trabalhos se executem com ordem e perfeição.

Ven.:—Onde tem assento o Ir.:. 2º Vig.:?

1º Diac.:—Ao Sul, Ven.:. Mestr.:. (*saúda e senta-se*)

Ven.:—Para que occupais esse lugar, Ir.:. 2º Vig.:?

2º Vi.:—Para poder melhor observar o Sól no meridiano, chamar os obreiros para o trabalho e mandal-os á recreação, afim de que os trabalhos prosigam com ordem e exactidão.

Ven.:—Onde se assenta o Ir.:. 1º Vig.:?

2º Vig.:—No Occidente, Ven.:. Mestr.:.

Ven.:—Para que occupais esse lugar, Ir.:. 1º Vig.:?

1º Vig.:—Assim como o Sól se occulta no Occidente para terminar o dia, assim ahi se colloca o 1º Vig.: para fechar a Loja, pagar os obreiros e despedil-os contentes e satisfeitos.

Ven.:—Para que o Veneravel Mestre se senta no Oriente?

1º Vig.:—Assim como o Sól nasce no Oriente para fazer sua carreira e iniciar o dia, assim ali fica o Ven.:. Mestr.: para abrir a Loja, dirigir-lhe os trabalhos e esclarecel-a com as luzes de sua sabedoria nos assumptos de nossa Sublime Instituição.

Ven.:—Para que nos reunimos aqui, Ir.: 1.º Vig.:?

1.º Vig.:—Para combater a tyrannia, a ignorancia, os preconceitos e os erros, e glorificar o Direito, a Justiça e a Verdade; para promover o bem estar da Patria e da Humanidade, levantando templos á Virtude e cavando masmorras ao vicio.

Ven.:—Que é a Maçonaria, Ir.: Chanc.:?

Chanc.: (*levantando-se e ficando á ordem*) Uma Instituição que tem por objectivo tornar feliz a Humanidade pelo amor e pelo aperfeiçoamento dos costumes, pela tolerancia e pela igualdade, e pelo respeito á autoridade e á religião.

Ven.:—Ella é regional?

Chan.:—Não, Ven.: Mestr.:, ella é universal e as suas Officinas se espalham por todos os recantos da Terra, sem preocupação de fronteiras e de raças. (*Saúda e senta-se*).

Ven.:—Sois maçõ, ir.: 1.º Vig.:?

1.º Vig.:—M.: I.: C.: T.: M.: R.:

Ven.:—Que tempo devemos trabalhar como AAp.: MM.:?

1.º Vig.:—Do meio dia á meia noite.

Ven.:—Que horas são, ir.: 2.º Vig.:?

2.º Vig.:—Meio dia em ponto, Ven.: Mestr.:

O Ven.: Mestr.: dá, com o malhete, a bateria, que é repetida pelos VVig.:, e todos ficam de pé e á ordem. O 1.º Diac.: sobe os degráos do throno, saúda o Ven.: Mestr.: que, após corresponder a saudação, dá-lhe a P.: S.:, aos ouvidos, começando pelo ouvido esquerdo.

Recebida a P.: S.:, o 1.º Diac.: saúda o Ven.: Mestr.: e vae, com as mesmas formalidades, leva-a ao Ir.: 1.º Vig.:, que a transmiite, pela mesma fórma, ao Ir.: 2.º Vig.: por intermedio do Ir.: 2.º Diac.: Chegando a P.: S.: ao 2.º Vig.:

2.º Vig.:— (!) Tudo está justo e perfeito, Ven.: Mestr.:

Ven.:—Achando-se a Loja regularmente constituida, procedamos á abertura de seus trabalhos, invocando o auxilio do G.: A.: D.: U.:

O Ven.: Mestr.: descobre se. O mais moderno dos ex-VVen.: presentes, ou, em sua falta, o Ir.: Experto, vae se postar ao occidente do Altar dos Juramentos, acompanhado do Ir.: M.: de CC.:; os Diaconos vão respectivamente para os lados N.: e S.: e cruzam seus bastões por sobre o Altar, á altura das cabeças. Depois de saudar o Ven.: Mestr.:, o ex-Ven.: (ou Exp.:) abre o LIVRO DA LEI, na parte apropriada, e sobre-põe o Esquadro e o Compasso na posição do gr o ve saúda novamente o V.: Mestr.:

Ven.:— (!) Em nome do G.: A.: D.: U.: e de S. João, nosso Padroeiro, sob os auspícios da Grande Loja Symbolica do Rio de Janeiro e em virtude dos poderes de que me acho investido, declaro aberta a Loja de AAp.: MMAç.:

e seus trabalhos em plena força e vigor. Que tudo neste augusto Templo seja tratado aos influxos dos sãos principios da Moral e da Razão.

O 1º Vig.: levanta a Columna de seu Altar e o 2º Vig.: abaixa a do seu

Ven.:— (!) A mim, meus Irmãos, pelo signal e pela acclamação. Todos— (*depois de feito o signal*) Huzzé-Huzzé-Huzzé.

Ven.:— (!) Sentemo-nos, meus Irmãos.

Os que se acham junto ao Altar de Juramentos saúdam ao Ven.: Mestr.: e voltam a occupar seus lugares. O primeiro Diac.:., na passagem pelo Alt.: dos JJuram.:., abre o Pannel da Loja (3).

Ven.:— Ir.: Secr.:., tende a bondade de nos dar conta da pr.: de nossos ultimos trabalhos (!) Attenção, meus Ir.:.

O Secr... procede a leitura da acta da ultima reunião, finda a qual :

Ven.:— Meus Ir.:., si tendes alguma observação a fazer sobre a redacção da pr.: que acaba de ser lida, a palavra vos será concedida.

Si alguem tiver de fazer observações, pedirá a palavra ao Vig.:. de sua Columna. Reinando silencio, os VVig.:. annunciam.

(3) No caminhar pelo Templo, deve sempre ser observada a seguinte formalidade: indo do Sul para o Oriente, passar pelo Occidente e pelo Norte; do Occidente para o Sul, passar pelo Norte e pelo Oriente (*grade*); do Oriente para o Occidente ou Norte, passar pelo Sul.

Ven.:—Os Hr.: que approvam a pr.: que acaba de ser lida,
(*caso tenha havido observações accrescentará*: com as
observações do Ir.: F...) queiram fazer o signal.

O M.: de CC.: verifica a votação e commu-
nica ao Ven.: Mestr.: que proclama directamente o
resultado. O M.: de CC.:, vae á mesa do Secr.:
toma o livro de actas e leva-o á assignatura do Ven.:
Mest.: e Orador, restituindo-o, em seguida, ao Secre-
tario, que o assignará tambem.

Ven.:—Ir.: Secr.:, tende a bondade de ler o expediente. (!) At-
tenção, meus Hr.:.

A' medida que o Secr.: for lendo o expediente
o Ven.: Mestr.: irá dando o devido destino, sem
submitter o assumpto á discussão ou apreciação da
Loja. Do expediente farão parte os Decretos e Actos
do Gr.: Mestre da Gr.: Loj.:, sendo os Decretos
lidos pelo Orador, ficando todos de pé e é ordem- Tes-
minado o expediente, proseguem os trabalhos de ac-
còrdo com a ordem estabelecida na pagina 20. O Ven.:
fará o annuncio «directamente», mas o pedido da pala-
vra será «sempre por intermedio» do Vig.: da Columna.
Reinando silencio sobre qualquer assumpto em discussão
os VVig.: farão o annuncio. Após qualquer discussão, o
Orador deverá fazer as conclusões, sem absolutamente
dar «opinião pessoal».



10
11
12

INICIAÇÃO

Regularmente só se deve iniciar um candidato; si, porém, circunstancias especiaes o exigirem, poderão ser iniciados até tres candidatos em uma mesma reunião.

Neste caso, o Ven.º Mestr.º providenciará para:

1 — que cada candidato seja introduzido na Camara das Reflexões de modo a ficar só durante o tempo em que faz suas declarações;

2 — que o profano que ceder o lugar a outro seja conservado em lugar bem separado e com os olhos vendados;

3 — que ao Experto sejam dados tantos ajudantes quantos forem precisos para que a sua missão seja perfeitamente desempenhada;

4 — que as perguntas do Ven.º Mestr.º não sejam feitas aos candidatos em conjuncto, mas, nominalmente: *Consentis em prestar esse juramento, Profanos F....., F....., F.....?*

5 — que todas as viagens sejam feitas pelos profanos em conjuncto, mas, que um só bata nos altares, etc.

PREPARAÇÃO DO CANDIDATO

O profano deve ser conduzido á Loja pelo Ir.º que apoiou sua petição; este, ao chegar ao edificio da Loja, venda-o cuidadosamente. Na sala dos PP.º PP.º, entregal-o-á ao Ir.º Experto, que, batendo-lhe levemente no hombro, dir-lhe-á: *Eu sou o vosso guia; tende confiança em mim e nada receeis.*” Depois de fazel-o dar algumas voltas pelo edificio, sem permittir que qualquer Ir.º falle ou se approxime e muito menos que com elle faça *qualquer pilheria*, introduzil-o-á na Cam.º das RRefl.º, onde o preparará convenientemente, tirando-lhe todos os metaes que, collocados em uma bandeja, serão depositados, logo após a abertura dos trabalhos, na mesa do Ir.º Thesoureiro. O candidato deverá ter o lado esquerdo do peito e a perna direita, até o joelho, nús, substituindo-se o sapato do pé direito por uma alpercata. Depois de assim preparado, o Experto tira-lhe a venda e diz-lhe: *Profano, eu vos deixo entregue ás vossas reflexões;*

não estareis só, pois Deus, que tudo vê, será testemunha da sinceridade com que ides responder ás nossas perguntas. Voltando pouco depois, apresentar-lhe-á a folha do testamento, dizendo-lhe: Profano, a Sociedade de que desejais fazer parte pede que respondais ás perguntas que vos apresento; de vossas respostas depende a vossa admissão no seu seio.

As perguntas, contidas no testamento, devem obedecer á seguinte formula:

A' Gloria do Grande Architecto do Universo

Senhor

Respondei livremente ás seguintes perguntas:

- Quaes são os vossos deveres para com Deus?
- Quaes são os vossos deveres para com a Humanidade?
- Quaes são os vossos deveres para com a Patria?
- Quaes são os vossos deveres para com a Familia?
- Quaes são os vossos deveres para com o proximo?
- Quaes são os vossos deveres para convosco?

(data) de de 1

(Assignatura do candidato)

(Residencia) N.

(Assignatura do Ven.º. Mestr.º.)

Ao entregar a folha do questionario ao profano, o Experto advertil-o-á de que, depois de dadas as respostas, deve chamal-o, tocando a campainha.

RITUAL DE INICIAÇÃO

Depois de regularmente aberta a Loja, de accordo com o ritual á pagina 21, e observada a ordem dos trabalhos:

Ven.º.— (!) Ir.º. Experto, podeis informar-me si, na Cam.º. de RRefl.º., está algum candidato que pretenda ser iniciado em nossos augustos mysterios?

Exp.º.— Sim, Ven.º. Mestr.º., o profano F. . . . aguarda, na Cam.º. de RRefl.º. o momento de ser iniciado.

Ven.: — Meus IIR.:, tendo corrido regularmente o processo preliminar para a admissão do profano F., é chegado o momento de sua recepção. Como sabeis, esse acto é um dos mais sollemnes da nossa Inst.:, pois não devemos esquecer que, com a acceitação de um novo membro nesta Loja, vamos dar um novo Irmão á Família Maçonica Universal. Si algum de vós tem observações a fazer contra essa admissão, deve declalal-as leal e francamente.

Si algum Ir.: tiver opposição a fazer, pedirá a palavra por intermedio do Vig.: de sua Col.:. A opinião emittida não será discutida, mas, simplesmente posta em votação secreta, decidindo a maioria de votos presentes. Si a Loja julgar, então, recusar a admissão ou adial-a para novas diligencias, interrompe-se o ritual neste ponto, scientificando-se ao profano **que ainda não chegou o dia de sua iniciação** e, com as mesmas formalidades da entrada, retirar-se-á do edificio. Não havendo objecções:

Ven.:—Os IIR.: que approvam que se proceda a iniciação do candidato F. . . queiram se manifestar, (*pausa para a verificação. Sendo approvado:*) Ir.: Exp.:, ide ao lugar onde está o profano e dizei-lhe que, sendo perigosas as provas por que tem de passar, é conveniente que faça o seu testamento e, ao mesmo tempo, nos responda ás questões que submettemos ao seu espirito para bem conhecermos os seus principios e do merecimento de suas virtudes.

O Exp.: executa a ordem e, depois de recebidas as respostas, volta a dar conta de sua missão, trazendo o questionario na ponta da espada e entrando no Templo sem formalidades.

Exp.: — Ven.: Mestr.:, o profano cumpriu a sua primeira obrigação. Eis aqui o seu testamento e as suas respostas.

Ven.: — Entregae-os ao Ir.: Orador para decifral-os.

Recebendo tudo do Exp.:, o Orador lê, em voz alta, todo o questionario respondido.

Ven.: — Meus IIR.:, estais satisfeitos com as respostas do profano?

Em caso affirmativo, todos fazem o signal de approvação. Si houver alguma objecção, a Loja por maioria de votos, decidirá.

Ven.: — Ir.: Thesoureiro, estais satisfeito?

Thes.: —

Ven.: Ir.: Secr.:, a nossa Grande Loja enviou o *placet* de iniciação deste candidato?

Secr.: —

Ven.: — Ir.: Orador, dae-me as vossas conclusões.

Orad.: — Ven.: Mestr.:, si razões especiaes não impuzerem o contrario á vossa sabedoria e prudencia, eu, em nome desta Loja e de accôrdo com as Leis que regem a nossa Sublime Instituição, respeitosaente vos solicito que se proceda á ~~iniciação~~ ^{recepção} do Profano F.....

Ven.: — Ir.: Exp.:, acercae-vos do profano e dizei-lhe que delle esperamos a necessaria coragem para sahir victorioso das provas a que vamos submettel-o. Preparae-o segundo os nossos usos e trazei-o á porta do Templo.
Recolhamo-nos, meus IIr.:, ao mais absoluto silencio.

O Exp.: vae cumprir a ordem e trazendo o profano á porta do Templo, ahi bate irregularmente.

G.: do Temp.: — (*descembainhando a espada*). Profanamente batem á porta do Templo, Ven.: Mestr.:.

Ven.: — Verificae quem é o temerario que ousa interromper nossas meditações.

O G.: do Temp.: entreabre a porta cautelosamente e, collocando a ponta da espada no peito descoberto do profano, diz em vóz alta e aspera:

G.: do Temp.: — Quem és, temerario, que te arrojas a querer forçar a entrada deste Templo?

Exp.: — Suspendei vossa espada, Ir.: G.: do Temp.:, pois ninguem ousaria entrar neste recinto sagrado sem vossa permissão — Desejoso de ver a Luz, este profano vem humildemente pedil-a.

G.: do Temp.: — Admiro-me muito, meu Ir.: que, em vez de virdes meditar commosco nos mysterios augustos que procuramos desvendar, delles vos alheieis, conduzindo a este Templo um curioso, talvez um dissimulado. (*voltando-se para o interior do Templo*) E' o nosso Ir.: Exp.: que conduz á porta do Templo um profano desejoso de vêr a Luz.

Ven.: — Porque, Ir.: Exp.:, viestes interromper nosso silencio, conduzindo á nossa Loja um profano para participar

de nossos mysterios? Como poderia elle ter concebido tal esperança?

Exp. — Porque é livre e de bons costumes.

Ven. — Não é o bastante, meu Ir. — Sabeis, por ventura, os seus merecimentos? Conheceis esse profano, sabeis o seu nome, onde nasceu, sua idade, sua religião, sua profissão, seu estado civil e onde mora?

Exp. — Ven. Mestr., este profano chama-se..... nasceu a... de... de... é (*solteiro, casado ou viuvo*) crê em Deus, exerce a profissão de..... e mora á rua.....
Elle vem pedir-vos que o iniciéis nos nossos augustos mysterios.

Ven. — Meus Ir., ouvistes o que declarou o Ir. Exp. Si concordais com os desejos do profano, si o julgais digno de receber a revelação de nossos mysterios, manifestae-vos pelo signal.

Ven. — (*depois de todos se manifestarem*) Franqueae-lhe o ingresso, Ir. G. do Temp. .

Logo que profano entrar, o G. do Temp. fecha a porta e encosta a ponta da espada no peito do candidato. O Exp. fica por detraz.

Ven. — (*ao profano*) Vêdes alguma cousa, senhor?

Prof. —

Ven. — Sentis alguma impressão?

Prof. — A ponta de um ferro.

Ven. — A arma, cuja ponta sentis, symbolisa o remorso que, ferindo vosso coração, ha de perseguir-vos, se fordes traidor á associação a que desejais pertencer. Tambem serve para advertir-vos de que deveis vos mostrar accessivel ás verdades que se sentem e que não se exprimem. O estado de cegueira em que vos encontrais é o symbolo das trévas que cercam o mortal que ainda não recebeu a Luz para guial-na estrada da virtude. (*pausa*) Que quereis, senhor? Porque vindes perturbar as nossas cogitações?

O G. do Temp. retira a espada.

Prof. —

Ven. — E esse desejo é filho de vosso coração? E' por vossa vontade, sem constrangimento algum, que vindes pedir admissão entre nós?

Prof.'. —

Ven.'. — Reflecti bem no que pedis! Não conheceis os dogmas, as Leis e os fins da Sublime Ordem a que desejais pertencer. A Maçonaria não é uma sociedade de auxilios mutuos ou de caridade; Ella tem responsabilidades e deveres para com a sociedade e para com a Humanidade. Preoccupada com o progresso e adstricta aos principios de uma sevêra Moral, assiste-lhe o direito de exigir de seus adeptos o cumprimento de sérios deveres, além de enormes sacrificios.

Particulas da humanidade, guiamo-nos pelo idéal e nos sacrificamos por illusões, com as quaes obtemos sempre todas as certezas humanas. Abrahão, preparando-se para sacrificar o proprio filho, representa uma grande allegoria de devotamento e de obediencia. Assim tambem a sociedade, a Patria pôdem levar seus filhos ao altar do sacrificio, quando necessario fôr para o bem das gerações vindouras. Nossa Ordem exigirá de vós um juramento solemne e terrivel, prestado já por muitos bemfeitores da Humanidade. Todo aquelle que não cumprir os deveres de Maçon em qualquer oportunidade, nós o consideramos traidor á Maçonaria. (*pausa*) Já passastes pela primeira prova — a da Terra —, pois é isso o que representa o compartimento em que estivestes encerrado e em que fizestes as vossas ultimas disposições. Ainda vos restam, porém, outras provas para as quaes é necessaria toda a vossa coragem. Consentis em submetter-vos a ellas? Tendes a firmeza precisa para affron-tar todos os perigos a que vae ser exposta a vossa coragem?

Prof.'. —

Ven.'. — Ainda uma vez, reflecti, senhor. Si vos tornardes Maçon, encontrareis nos nossos symbolos a realidade do dever. Não deveis combater sómente as vossas paixões e trabalhar para vosso aperfeiçoamento, mas, tereis ainda, de combater outros inimigos da Humanidade, como sejam os hypocritas que a enganam, os perfidos que a defraudam, os ambiciosos que a usurpam e os corruptos e sem principios que abusam da confiança dos povos. A estes não se combate sem perigos. Senti-vos com energia, coragem e dedicação para combater o obscurantismo, a perfidia e o erro?

Prof.'. —

Ven.'. — Pois que essa é a vossa resolução, não respondo pelo que vos possa acontecer. Ir.'. Terrivel, levae esse profano para fóra do Templo e conduzi-o por esses caminhos

escabrosos por onde passam os temerários que aspiram conhecer nossos arcanos.

O Exp. toma o Profano pelo braço esquerdo, leva-o para fóra do Templo e, depois de fazel-o dar algumas voltas, o conduz novamente á porta do Templo, onde o arroja de qualquer altura, amparando-o convenientemente. Para esse fim, convem ter preparado um pequeno plano inclinado de cerca de 40 a 60 centímetros de altura, collocado á porta do Templo e pelo qual subirá o profano de maneira que, ao chegar á extremidade, caia dentro do Templo, onde dois Hr. devem estar para amparal-o, afim de não se magoar. Findo esse processo:

Exp. — Ven. Mestr., o profano deu provas de resignação e de coragem.

Ven. — Senhor, é somente através dos perigos e das difficuldades que se póde alcançar a iniciação. Embóra a Maçonaria não seja uma religião e proclame a liberdade de consciencia, tem, contudo, uma crença: Ella proclama a existencia de um Principio CREADOR, ao qual denomina G. A. D. U. E' por isso que nenhum Maçon se empenha em uma empresa, sem primeiro invocar o G. A. D. U.

Ir. Exp. conduzi o profano para junto do Altar do Ir. 2º Vig. e fazei-o ajoelhar. (*depois de executada a ordem*) Profano, tomai parte na oração que, em vosso favor, vamos dirigir ao Senhor dos Mundos e Autor de todas as cousas (!) De pé e á ordem, meus Hr.

ORAÇÃO

Eis-nos, oh G. A. D. U., em quem reconhecemos o INFINITO PODER e a INFINITA MISERICORDIA, humildes e reverentes a Teus pés. Contém nossos corações nos limites da rectidão e dirige nossos passos pela estrada da Virtude. Dá-nos que, por nossas obras, nos approximemos de Ti, que és Uno, e subsistes por Ti mesmo e a quem todos os seres devem a existencia. Tudo sabes e tudo dominas; invisivel aos nossos olhos, vês no fundo de nossas consciencias. Digna-te, oh G. A. D. U., proteger os obreiros da paz, aqui reunidos; anima o nosso zelo, fortifica nossas almas na luta das paixões; inflamma nossos corações com o Amor da Virtude e guia-nos para que, sempre perseverantes, cumpramos as Tuas Leis. Presta a esse candidato, agora e sèmpre, Tua protecção e ampara-o com Teu braço omnipotente em todos os perigos por que vae passar.

Todos — Assim seja!

Ven.°. — Senhor, nos extremos lances de vossa vida, em que depositaes a vossa confiança?

Prof.°. —

Ven.°. — Pois que confiais em Deus, levantae-vos e segui com passo seguro o vosso guia e nada receeis.

O Exp.° conduz o profano para entre CCol.°, devendo reinar profundo silencio.

Ven.°. — (!)

1º Vig.°. — (!)

2º Vig.°. — (!)

Todos se sentam

Ven.°. — Senhor, antes que esta Assembléa consinta em admitir-vos ás provas, devo sondar o vosso coração, esperando que respondais com sinceridade e franqueza, pois vossas respostas não nos offenderão.

Que idéa, que pensamentos vos ocorreram quando estaveis no lugar sombrio de meditação onde vos pediram que escrevesseis a vossa ultima vontade?

Prof.°. —

Ven.°. — Em parte já vos dissemos com que fim fostes submettido á primeira prova — a da Terra — Os antigos diziam que havia quatro elementos: a Terra, a Agua, o Ar e o Fogo. Vós estaveis na escuridão e no silencio, como um encarcerado numa masmorra, e cercado de emblemas da mortalidade e de pensamentos allusivos, principalmente para compellir-vos a reflectirdes séria e profundamente antes de realisardes um acto tão importante como o da iniciação em nossos mysterios. A caverna onde estivestes, como tudo que nos cerca, é symbolica. Os emblemas que ali existem vos levaram, certamente, a reflectir sobre a instabilidade da vida humana, licção trivial sempre ensinada e sempre desprezada.

Si desejais tornar-vos um verdadeiro Maçon, deveis, primeiro, extinguir as vossas paixões, os vícios e os preconceitos mundanos, que ainda possuides, para viverdes com Virtude, Honra e Sabedoria. Crêdes em um Principio Creador?

Prof.°. —

Ven.°. — Essa crença, que ennobrece vosso coração, não é exclusivo patrimonio do philosopho e do Maçon. Desde que

o selvagem compreende que não pôde existir por si mesmo, que Alguem deveria ter creado a magestosa Natureza que o cerca, é levado, instinctivamente, a admirar e a cultuar esse Creador increado, a Quem rende toso, mas, sincero culto como Ente Supremo e Grande Architecto dos Mundos. Que entendeis por Virtude?

Prof.: —

Ven.: — E' uma disposição da alma que nos induz á pratica do Bem.

Que pensais ser o vicio?

Prof.: —

Ven.: — E' tudo que avilta o homem. E' o habito desgraçado que nos arrasta para o mal. E' para impormos um freio salutar a essa impetuosa propensão, para elevarmo-nos acima dos vis interesses, que atormentam o vulgo profano, e acalmarmos o ardor de nossas paixões, que nos reunimos neste Templo; aqui, trabalhamos para adaptar nosso espirito ás grandes affeições e a só concebermos idéas solidas de virtude, porque, somente regulando nossos costumes pelos eternos principios da Moral, é que poderemos dar á nossa alma esse equilibrio de força e de sensibilidade que constitue a Sciencia da Vida.

Esse trabalho é muito penoso, e, por isso, deveis reflectir bem antes de vos fazerdes Maçon, pois, si fordes admittido entre nós, a elle tendes de vos sujeitar com satisfação. (*Pausa*) Preferis seguir o caminho da Virtude ou o do Vicio; o da Maçonaria ou o do mundo profano?

Prof.: —

Ven.: — Senhor, toda associação tem leis particulares e todo associado deveres a cumprir. Como não seja justo sujeitar-vos a obrigações que não conheceis, ouvi a natureza desses deveres.

Ir.: Orador, dizei ao profano quaes são os deveres que terá que cumprir si persistir em partilhar dos bens de nossa Ordem.

Orador — (*lendo*) O primeiro é o mais absoluto silencio acerca de tudo quanto ouvirdes e descobirdes entre nós, bem como de tudo quanto, para o futuro, chegardes a ouvir, ver e saber.

O segundo dos vossos deveres, o que faz com que a Maçonaria seja o mais puro dos idéaes, sobre ser a mais nobre e a mais respeitavel das instituições humanas, é o

de vencer as paixões ignobeis que deshonram o homem e o tornam desgraçado, cabendo-vos a pratica constante das virtudes, soccorrer os irmãos em suas afflicções e necessidades, encaminhal-os na senda da Virtude, desvial-os da pratica do Mal e estimulal-os a fazerem o Bem, pelo exemplo que derdes da Tolerancia, da Justiça, do respeito á Liberdade, exigencias primordiaes de nossa Subl. Inst. .

O que, em um profano, seria uma qualidade rara, não passa, no Maçon, do cumprimento elementar de um dever. Toda occasião que elle perde de ser util é uma infidelidade; todo soccorro que recusa é um perjurio e, si a terna e consoladora amisade tem o seu culto em nossos Templos, é menos por ser um sentimento do que por ser um dever que se transforma em virtude.

O terceiro dos vossos deveres, e a cujo cumprimento só ficareis obrigado depois de vossa iniciação, é o de vos sujeitardes conscientemente ás Constituições, Institutos, Estatutos e Regulamentos do Rito Esc. Ant. e Acc., aos Landmarks e aos dispositivos da Constituição de nossa Gr. Loj. e aos regulamentos particulares desta Loja.

Pausa.

Ven. — Agora, que conheceis os principaes deveres de um Maçon, dizei-me si vos sentis com força e si persistis na resolução de vos sujeitardes á sua pratica?

Prof. —

Ven. — Senhor, ainda exigimos de vós um juramento de honra que deve ser prestado sobre a Taça Sagrada (*Pausa*) Si sois sincero, bebei sem receio, mas, si no fundo de vosso coração se occulta alguma falsidade, não jureis! Afastae antes essa taça e temeí o prompto e terrível effeito dessa bebida. Consentis no juramento?

Prof. —

Ven. — Ir. Sacrificador, conduzi o candidato ao Throno.

O profano é levado para o Oriente passando pelo Occidente e Norte, afim de abeirar-se do lado esquerdo do throno.

Ven. — (*depois da chegada do candidato*) Ir. Terrível, vós que sois o sacrificador dos perjuros, apresentae ao candidato a Taça Sagrada.

O Exp. apresenta a Taça com agua commum e espera o signal do Ven. Mestr. para

dar a bebida ao candidato. Junto deve estar um frasco contendo tintura de quassia para ser despejado na Taça no momento opportuno.

Ven.º — Repeti, commigo, o vosso juramento.

“Juro guardar o mais profundo silencio sobre todas as provas a que for exposta minha coragem. Si eu for perjuro e trahir os meus deveres, si o espirito de curiosidade aqui me conduz, consinto que a doçura desta bebida (*ao signal do Ven.º Mestr.º, dá-se a Taça ao Candidato que beberá alguns goles do conteúdo*), se converta em amargor, e o seu effeito salutar seja para mim como um subtil veneno (*a outro signal do Ven.º Mestr.º e sem que o profano perceba, despeja-se o liquido amargo dentro da Taça e o candidato beberá novamente*).

Ven.º — (!)

1 Vig.º — (!)

2 Vig.º — (!)

Ven.º — (*com voz forte*) Que vejo, senhor?! Altera-se o vosso semblante? A vossa consciencia desmentiria, porventura, as vossas palavras de sinceridade? A doçura dessa bebida mudar-se-ia em amargor? (*Ao Ir.º Exp.º*) Retirae o profano!

O profano volta para entre columnas.

Ven.º — Senhor, não quero crêr que tenhaes o intuito de enganar-nos. Entretanto, ainda podeis vos retirar, si assim o quizerdes. (*pausa*) Bebestes da Taça Sagrada da bôa ou má sorte, que é a Taça da vida humana. Consentimos que provasseis a doçura da bebida e, ao mesmo tempo, fostes levado a esgotar o amargo de suas fezes. Isso vos lembrará que o Maçon deve gozar os prazeres da vida com moderação, não fazendo ostentação do bem que goza, desde que vá offender ao infortunio. Reflecti bem, senhor; qualquer irreflexão vos poderá ser prejudicial, porque si avançardes mais um passo será tarde para recuardes. Persistis em entrar para a Maçonaria?

Prof.º —

Ven.º — (!) Ir.º Terrivel, fazei o profano sentar-se na cadeira das reflexões.

O Exp.º faz o candidato dar uma volta rapida e senta-o na cadeira das reflexões.

Ven.'. — Profano, que a obscuridade que vos cobre os olhos e o horror da solidão sejam os vossos unicos companheiros.

Grande pausa, sob silencio profundo.

Ven.'. — Já reflectistes, senhor, nas consequencias de vossa pretensão? Pela ultima vez dizei-me: quereis voltar para o mundo profano ou persistis em conquistar um lugar entre os Maçons?

Prof.'.

Ven.'. — Ir.'. Terrivel, apoderaí-vos desse Prof.'. e fazei-o praticar a sua primeira viagem. Empregae todos os esforços para livral-o do perigo e vós, senhor, concentrae vossa attenção nas provas a que ides vos submeter para que possais aprehender o seu character mysterioso e emblematico. Procurae penetrar a sua significação occulta, porque a venda material que cobre vossos olhos não pode interceptar a vossa vista intellectual. Na Maçonaria nada se faz que não tenha razão de ser. Esforçae-vos por comprehender, porque dos resultados desses esforços dependerá toda a extensão dos conhecimentos que, como Maçon, deveis adquirir.

O Exp.', segurando o profano pela mão esquerda, fal-o percorrer um caminho cheio de obstaculos. Durante essa viagem o silencio da Loja é quebrado por sons imitando o trovão. O órgão executa musica adequada. Tudo cessará desde que o candidato chegue ao Altar do 2º Vig.', onde o Exp.'. fal-o bater, com a mão direita, tres pancadas

2º Vig.'. — (*levantando-se precipitadamente e collocando o malthete no peito do candidato*) Quem vem lá?

Exp.'. — E' um profano que deseja iniciar-se em nossos augustos mysterios.

2º Vig.'. — E como poude elle conceber tal esperança?

Exp.'. — Porque é livre e de bons costumes; porque quer contribuir para a realisação da solidariedade humana e porque, estando nas trevas, deseja a luz.

2º Vig.'. — Si assim é, passe.

Exp.'. — (*depois de reconduzir o candidato para entre columnas*) Ven.'. Mestr.', o profano terminou, com coragem, a sua primeira viagem.

O candidato senta-se.

Ven.: — Esta primeira viagem, com seus ruidos e obstaculos, representa o segundo elemento — o Ar —, symbolo da vitalidade, emblema da vida humana com seus tumultos de paixões e suas difficuldades; os odios, as traições, as desgraças que ferem o homem virtuoso, em uma palavra, a vida humana na luta dos interesses e das ambições, cheia de embaraços aos nossos intentos. Vendado como vos achais, representais a ignorancia, incapaz de dirigir seus esforços sem um guia esclarecido. Este symbolo, porém, se adapta a uma serie de grandes concepções.

E' o symbolo da Familia, onde a creança, incapaz de se dirigir, necessita de amparo e guia de seus paes; da sociedade, onde a intelligencia de um pequeno grupo conduz as massas ignorantes que não podem se governar; da Humanidade, onde os povos mais intelligentes conduzem e dominam os mais atrasados.

Si quizerdes, ainda, um symbolo mais elevado, vêde os mundos, no seu caminhar incessante atravez do ether, girando com velocidade vertiginosa, sem o minimo rumor, qual um passaro que fende o ar com as suas azas. Esses mundos, infinitos em numero, pesando milhões e milhões de toneladas, estão sujeitos a Leis fixas e immutaveis, ás quaes obedecem cégamente, qual vós ao vosso guia. Mas, Senhor, a expressão symbolica da vossa cegueira e da necessidade que tendes de quem vos conduza, representa o dominio que o vosso espirito, esclarecido pelos nossos são ensinamentos, deve exercer sobre a cegueira das vossas paixões, transformando a materialidade dos sentimentos profanos, que acaso existam em vós, em puros sentimentos maçonicos, creando em vós mesmo um outro ser pela espiritualisação e elevação de vossos sentimentos; tereis, então, retirado a venda material que prende vossa alma e não mais precisareis de guia em vosso caminho. Foi para isso que aqui batestes, pedindo para *ver a luz*.

São estes os ensinamentos dessa primeira viagem. A Maçonaria, porém, ensina-nos a supportar todos os revezes da sorte, proporcionando-nos consolações salutaes e grandes compensações.

Estais disposto a vos expôr aos riscos de uma segunda viagem?

Prof.: —

Ven.: — Ir.: Terrivel, fazei o profano praticar a segunda viagem, livrando-o dos abysmos e enchendo-o de coragem.

Conduzido, como na primeira viagem, o profano percorre caminho mais plano. Durante a viagem ouve-se o tinir descompassado de espadas. Música apropriada. Depois de passar por detraz do altar do 1º Vig.º, o profano vem bater tres pancadas á frente. Todo o rumor e a musica cessam.

1º Vig.º. — (*levantando-se precipitadamente e collocando o mahlte no peito do profano*) Quem vem lá?

Exp.º. — E' um profano que, pretendendo nascer de novo, quer iniciar-se Maçon.

1º Vig.º. — E como poudes elle conceber tal esperanza?

Exp.º. — Porque quer instruir-se e aperfeçoar-se e, estando nas trévas, deseja a luz.

1º Vig.º. — Si assim é, seja purificado pela Agua.

O Exp.º. conduz o profano para junto do Mar de Bronze, em cujas aguas o M.º. de CC.º. mergulha as mãos do candidato, enxugando-as em seguida.

Exp.º. — (*depois de reconduzir o profano para entre columnas*) Ven.º. Mestr.º., está feita a segunda viagem.

Ven.º. — Passastes pela terceira prova — a da Agua —.

A Agua, em que mergulharam vossas mãos, é o symbolo da pureza da vida maçonica. Vossas mãos jamais devem ser instrumento de accões deshonestas. Purificadas, conservae-as limpas. Nas antigas iniciações a purificação da alma fazia-se pela Agua, imagem tambem do oceano da vida com as furiosas vagas das illusões.

Ouvistes, nessa viagem, o entrechocar de armas, combates á arma branca. Elles symbolisam o perigo que encontrareis para sairdes victorioso no combate ás vossas paixões, no aperfeçoamento de vossos costumes. Guiado como estaveis, representaveis o discipulo e o mestre, vivendo harmonicamente, fraternalmente, um ministrando com desvelo a experiencia e as virtudes que adquiriu e o outro, solícito, deixando-se conduzir. O amparo que vos foi prestado nessa viagem é a segunda manifestação da solidariedade humana, sem a qual as actuaes gerações, não fortalecidas, deixam de concorrer para o progresso das gerações futuras. Menos penosa que a primeira, essa viagem tambem significa que a constancia e a perseverança nas luctas contra os vicios do mundo profano têm por termo a paz de consciencia. (*pausa*)

Ir.: Terrível, fazei o profano praticar a terceira viagem.

O Exp.:, com as mesmas formalidades, faz o candidato percorrer caminho livre de obstáculos. Silêncio profundo, apenas ouvindo-se musica suave e lenta que cessa desde que o profano, depois de passar por detraz do Throno, bater tres pancadas á sua frente.

Ven.: — (*encostando o malhete ao peito do candidato*) Quem vem lá?

Exp.: — E' um profano que aspira ser nosso irmão e nosso amigo.

Ven.: — E como poudes elle conceber tal esperança?

Exp.: Porque presta culto á virtude e, detestando a ociosidade, promete contribuir com o seu trabalho para a liberdade, igualdade e fraternidade social, e porque, estando nas trevas, deseja a luz.

Ven.: — Pois que assim é, passe pelas chammas do Fogo Sagrado para que de profano nada lhe reste.

O Exp.: conduz o candidato ao Altar dos perfumes, onde o M.: de CC.: o incensa por tres vezes. Voltando para entre columnas, em caminho, entre o Oriente e o Occidente, deve passar tres vezes pelas chammas do Fogo Sagrado.

Ven.: — (!)As chammas, que vos envolveram, symbolisam o baptismo da purificação. Purificado pela agua, o fogo eliminou as nodoas do vicio. Estais, symbolicamente, limpo. Esse Fogo, cujas chammas symbolisam tambem aspiração, fervor e zelo, deve lembrar-vos que deveis aspirar a verdadeira gloria, trabalhando ininterruptamente pela causa em que nos empenhamos e que é a do povo e da felicidade humana. Tudo, até aqui, passou sem perigo; antes, porém, de serdes iniciado em nossos mysterios, deveis passar pelo baptismo do sangue. Si vos sentis cheio de valor para vos sacrificardes pelo serviço da Patria, da Ordem e da Humanidade, com risco da propria vida, deveis sellar a vossa profissão de fé com o vosso sangue. Estais disposto a isso?

Prof.: —

Ven.: — A vossa resignação nos basta. O baptismo do sangue não é um symbolo de purificação; é o baptismo do heroismo

e da dedicação do soldado e do martyr; vossa resignação é o peñhor solemne de que jámais faltareis ao cumprimento de vossos deveres maçonicos, por medo ou terror do perseguidor ou do tyranno. Lembrando-vos do sangue derramado, em todas as épocas, pela perseguição, augmentareis vossa tolerancia na defesa dos sagrados direitos da consciencia. Vosso valor e vossa dedicação já vos dão direito a serdes recebido entre nós; antes, porém, devo mandar imprimir em vosso peito o cunho inextinguível que vos tornará reconhecido por todos os Maçons do Universo.

— Ir.: Chanc.:, cumpri vosso dever.

O Chanc.: irá approximar do peito do candidato um ióco luminoso que apenas lhe transmitta a impressão de calor.

1º Vig.: — (!) Graça! Graça!, Ven.:. Mestr.:.

Ven.: — Graça lhe seja concedida, pois um signal desta natureza é inutil, porque não penetra no coração onde a mão de Deus imprimiu o sello da Caridade. (*Pausa*) Agora, quero experimentar vossos sentimentos, antes de realisarmos os vossos desejos. Ha Maçons necessitados, viuvas e orphãos a soccorrer, sem ostentação nem publicidade, pois a beneficencia maçonica não se traduz por actos de vaidade, proprios aos que dão com orgulho, humilhando a quem recebe. Por isso, attendei ao appello que o nosso caridoso Ir.: Hospitaleiro vae fazer á bondade do vosso coração.

Fazei-o, porém, de modo que ninguem veja o que depositardes no sacco que elle vos apresentará.

Hosp.: — (*apresentando o Sac.: de Solidariedade*) Peço-vos que deis alguma cousa para os desgraçados que devemos soccorrer.

Prof.: — (*por estar despojado de seus metaes*) Nada tenho; mas quando tiver saberei cumprir meu dever.

Hosp.: — (*para o Ven.:*) Ven.:. Mestr.:, o profano declara não poder contribuir para o Tronco de Solidariedade, faltando assim aos principios da Caridade de nossa Instit.:.

Ven.: — Senhor, não foi nosso intuito collocar-vos em situação embaraçosa e, muito menos, humilhar-vos. Quizemos, com o pedido que vos fez o nosso Ir.: Hosp.:, lembrar-vos duas cousas: 1º, Que estais despido de tudo que representa *valor monetario*, a que chamamos metaes. Despojado de metaes, estais simbolicamente despido das vaidades e do luxo da sociedade profana; 2º, A angustia que

deve sentir um coração bem formado quando se encontra na impossibilidade de socorrer a miseria e as necessidades supportadas pelos desherdados da fortuna.

Estas duas interpretações symbolicas da vossa privação de metaes servem, ainda, para demonstrar-vos que só damos valor ás qualidades moraes, servindo os metaes apenas para socorrer os nossos semelhantes.

Deveis, como final de vossa iniciação, prestar uma promessa solemne; esta só deve ser prestada livremente. Ouvi com attenção a formula desse juramento, que não é incompativel com os deveres moraes, civicos ou religiosos. Si notardes alguma cousa que seja contraria á vossa consciencia, o que eu não creio, declarai-o com franqueza, porque, sendo elle tão solemne, só deve ser prestado livremente. Prestai attenção e reflecti bem antes de vos decidirdes.

Orador — (*lendo a formula*) Juro e prometto de minha livre vontade e por minha honra, em presença do G. . A. . D. . U. . e dos membros desta loja, que são os representantes de todos os Maçons espalhados pelo Universo, nunca revelar os mysterios da Maçonaria que me vão ser confiados senão em Loja regularmente constituida; nunca os escrever, gravar, traçar, imprimir, ou empregar outros meios pelos quaes possa divulgar-os;

comprometto-me a defender e proteger a meus Irmãos esparsos pelo mundo, em tudo que puder e fôr necessario e justo;

prometto, tambem, conservar-me sempre cidadão honesto e digno, submisso ás Leis do Paiz, amigo de minha Familia e Maçon sincero, nunca attentando contra a honra de ninguem, e especialmente contra a de meus irmãos e de suas familias.

Juro e prometto, ainda, reconhecer como unica autoridade maçonica legal e legitima, nesta jurisdicção, a Grande Loja Symbolica do Rio de Janeiro, da qual esta Loja depende; seguir as suas leis e regulamentos, bem como todas as decisões ou ordens legaes e legitimas dos que vierem a ser meus superiores maçonicos, procurando augmentar e aperfeiçoar os meus conhecimentos, de accôrdo com os Landmarks e as Leis da Ordem e do Rito Escoccez Antigo e Aceitô. Procurarei tornar-me sempre um elemento de paz, de concordia e de harmonia no seio da Maçonaria; repellirei toda e qualquer associação ou seita que, por juramento, prive o homem dos direitos e dos deveres de cidadão e da sua liberdade de consciencia.

Tudo isso prometto cumprir sem sophisma, equívoco ou reserva mental e consinto, si faltar á minha palavra, em ser excluído de toda a sociedade de homens de bem, que, então, deverão ver em mim um ente sem honra nem dignidade.

Ven.: — Senhor, ouvistes a formula do juramento que vos exigimos. Agora reflecti sobre a gravidade do acto que ides praticar e das obrigações que deveis assumir. (*pausa*) Respondei com toda a franqueza, consentis em prestar este juramento?

Prof.: —

Ven.: — Ir.: Terrível, conduzi o profano para fóra do Templo, porque vamos deliberar sobre a sua definitiva admissão.

O profano é levado para o Atrio, voltando o Ir.: Exp.: para o Templo.

Ven.: — (*depois de fechada a porta do Templo*) Meus irmãos, já formastes vossas conclusões sobre o processo de iniciação do Profano F..... e, si o julgais digno de permanecer entre nós e consentis em sua admissão definitiva, manifestae-vos pelo signal.

Si houver alguma objecção, a Loja, sem discutir-a, resolverá por maioria de votos, sendo, nos casos desfavoráveis, retirado o profano do edificio, depois de se lhe dizer as razões. Em casos favoráveis:

Ven.: — Ir.: M.: de CC.:, ide buscar o Profano.

Cumprida a ordem, é fechada a porta do Templo.

Ven.: — Senhor, chegou o momento de receberdes o premio de vossa firmeza e constancia. (*pausa*) Ir.: M.: de CC.:, apresentae o iniciando ao Ir.: 2º Vig.: para que lhe ensine a dar os primeiros passos de AP.: M.:, no angulo do quadrilatero, e depois fazei-o ajoelhar ante o Altar para prestar seu solemne juramento.

O M.: de CC.: entrega o iniciando ao Ir.: 2º Vig.:, que, saindo de seu lugar, ensina-lhe a dar os primeiros passos, de forma que, no ultimo passo, se encontre em face do Altar dos Juramentos, onde o M.: de CC.: o faz ajoelhar-se sobre o joelho direito, collocando a mão direita so-

bre o Livro da Lei e tendo, na esquerda, um compasso cujas pontas encostará no peito descoberto, sobre o coração.

Ven.'. — (!) De pé e á ordem, meus Irmãos. O Iniciando vae prestar seu solemne juramento. (*ao iniciando*). Já ouvistes e meditastes no juramento que ides prestar. Vou lel-o novamente e a cada uma de minhas perguntas respondereis: *Eu o juro!*

(*lendo pausada e solememente*) — Senhor, jurais é prometteis por vossa livre vontade, por vossa honra e vossa fé, em presença do G.'. A.'. D.'. U.'. e de todos os Maçons espalhados pela superficie da Terra, dos quaes somos aqui os legitimos representantes, nunca revelar os mysterios da Maçonaria que vos forem confiados, senão em Loja regularmente constituida; nunca os escrever, gravar, traçar, imprimir ou empregar outros quaesquer meios pelos quaes possais divulgal-os?

Prof.'. — Eu o juro!

Ven.'. — Jurais mais defender e proteger vossos irmãos esparsos pelo mundo em tudo que puderdes e fôr necessario e justo?

Prof.'. — Eu o juro!

Ven.'. — Jurais, tambem, conservar-vos sempre cidadão honesto e digno, submisso ás Leis do Paiz, amigo de vossa Familia e Maçon sincero, nunca attentando contra a honra de ninguém, especialmente contra a de vossos irmãos e a de suas Familias?

Prof.'. — Eu o juro!

Ven.'. — Jurais e prometteis reconhecer como unica autoridade maçonica legal e legitima, nesta Jurisdicção, a Grande Loja Symbolica do Rio de Janeiro, da qual depende esta Loja; seguir as suas leis e regulamentos, bem como todas as decisões ou ordens leaes e legitimas dos que vierem a ser vossos superiores maçonicos, procurando augmentar e aperfeiçoar os vossos conhecimentos, de accôrdo com os Landmarks e as Leis da Ordem e do Rit.'. Esc.'. Ant.'. e Acc.'.; procurar sempre vos tornardes um elemento de paz, de concordia e de harmonia no seio da Maçonaria, repellido toda e qualquer associação ou seita que, por juramento, prive o homem de seus direitos e deveres de cidadão?

Prof.'. — Eu o juro!

Ven.: — (*ao iniciando*) Agora, senhor, repeti as palavras que vou dictar-vos e que são o complemento de vosso juramento.

(*repetidas pelo iniciando*) Tudo isso eu prometto cumprir... sem sophisma, equívoco ou reserva mental;... e, si violar esta promessa, que faço sem a minima coacção... seja-me arr.: a li.:... o pesc.: cort.:... e meu corpo enterrado em lugar ignorado... onde fique em perpetuo esquecimento... sendo eu declarado sacrilego para com Deus... e deshonrado para com os homens.

Assim seja!

Todos — Assim seja!

O M.: de CC.: levanta o profano e conduz-o para entre columnas.

Ven.: — Senhor, prestastes vosso juramento solemne. De hoje em diante estais ligado para sempre á nossa Ordem e ao Rit.: Esc.: Ant.: e Acc.:. Jurastes obediencia ao Governo da Ordem e aos seus Chefes. Estais ainda disposto a permanecer entre nós?

Prof.: —

Ven.: — (*sendo a resposta affirmativa*) Pois que assim continuais firme em vosso proposito de ingressar em nossa Associação Fraternal, ides ver, agora, o martyrio e a perversidade a que submeteram um dos nossos maiores Mestres e Protectores. Escolhemos esse modo de martyrisação para com elle castigarmos os perjuros. — Meus Iir.:, conduzi o iniciado ao Atrio para lhe mostrardes o que lhe poderá succeder, doravante, quer permanecendo entre nós e expondo-se, assim, aos bôtes da ignorancia e da perversidade dos que ainda taceiam nas trevas, quer tornando-se perjurado e expondo-se, por isso, ás nossas mais terriveis vinganças.

O iniciando é levado para o Atrio, onde estará collocado uma figura representando S. João Baptista degollado. Uma luz iraca de lampada de alcool illuminará a scena. Todos estarão de pé, sem insignias, de meias mascaras ou capuzes que occultem o rosto, empunhando as suas espadas com as pontas voltadas para o candidato. O Ven.: Mestr.: dá lentamente a bateria e, á ultima pancada, o M.: de CC.: desvenda o profano. Todos se manterão em profundo silencio.

Ven. . — O corpo que ahí vedes representa o nosso Mestre e Protector, S. João Baptista, friamente assassinado para satisfação dos caprichos de uma mulher facil e vingativa, depois de encarcerado em uma masmorra, por ter proclamado publicamente as faltas e os erros, então commettidos pelos ricos e poderosos, pelos que martyrisavam o povo, pelos que usavam da violencia e da arbitrariedade, abusando do poder e pelos que juravam falso para melhor exercerem suas vinganças. Elle representa o verdadeiro Maçon, sacrificando-se pelos supremos ideaes, immolando-se ás arbitrariedades dos poderosos e dos tyrannos. Esse clarão pallido e lugubre da chamma que vêdes, é o emblema do fogo sombrio que ha de alumiar a vingança que os perjuros e traidores preparam para o proprio castigo. Essas espadas dizem-vos que não haverá recanto da Terra em que os perjuros possam encontrar refugio, sem que sejam precedidos pela vergonha do crime.

O iniciando é novamente vendado e conduzido ao Templo, onde fica entre columnas. Todos se retiram silenciosamente e, revestindo as suas insignias, voltam para os seus lugares, onde permanecerão de pé e á ordem, com as espadas, na mão esquerda, de pontas voltadas para o alto e em direcção do iniciando.

Ven. . — (!) Ir. . 1º Vig. ., sobre quem se apoia uma das CCol. . deste Templo, agora que a coragem e perseverança deste candidato fizeram-no sahir victorioso do porfiado combate entre o homem profano e o homem maçon, que pedis em seu favor?

1º Vig. . — (!) Luz, Ven. . Mestr. .

Ven. . — No principio do mundo (*apagam-se as luzes do Templo*) disse o G. . A. . D. . U. .: FAÇA-SE A LUZ (*dá uma pancada, repetindo-a os Vigilantes*) E A LUZ FOI FEITA (*dá uma pancada, sendo repetida pelos Vigilantes*), A LUZ SEJA DADA AO NEOPHYTO (*dá uma pancada, repetida pelos Vigilantes*).

Logo após a pancada do 2º Vig. ., o M. . de CC. . desvenda o neophyto e, em seguida, a luz reaparece no Templo.

Ven. . — Sic transit Gloria Mundi!

Não vos assustem essas espadas voltadas para vós. Ellas significam que em todos os Maçons encontrareis ami-

gos dedicados e leaes, verdadeiros irmãos, promptos a auxiliar-vos nos transe mais difficeis da vossa vida, se respeitardes e observardes escrupulosamente as nossas leis. Querem, tambem, dizer que entre nós encontrareis quem zele pelas leis e pela pureza da Maçonaria, quando sejam ameaçadas por faltardes ao vosso dever e aos vossos compromissos. Pela direcção que tomam, são a irradiação intellectual que cada Maçon projectará, de hoje em diante, sobre vós. Empunhadas com a mão esquerda, lado do coração, alludem ainda aos effluvios de Sympathia que de todos os lados se concentram sobre vós, recebido com grande alegria no seio da Familia a que agora pertenceis.

(*Para os Iir.:*) Meus Iir.~, embainhae vossas espadas.

Ir.~. M.~. de CC.~, conduzi nosso novo Ir.~. ao Altar.

O M.~. de CC.~. conduz o neophyto ao Altar dos Juramentos, para onde irá tambem o Ven.~. Mestr.~. que ficará em face ao neophyto. O Porta-estandarte, empunhando o Estandarte, se postará ao lado direito do neophyto, que se ajoelhará como na occasião do juramento. Todos continuam de pé e á ordem.

Ven.~. — A' G.~. D.~. G.~.A.~. D.~. U.~.

(*Collocando a espada por sobre a cabeça do neophyto*)

Em nome e sob os auspicios desta GR.~. LOJ.~. SYMB.~, de accôrdo com as Constituições do Rit.~. Esc.~. Ant.~. e Acc.~. e em virtude dos poderes que me foram conferidos por esta Loja, eu vos constituo Aprendiz Maçon e vos recebo como membro activo de seu quadro.

O Ven.~. Mestr.~. dá tres pancadas na lamina da espada. Depois, dando a mão direita ao neophyto, levanta-o e conduz-o para o lado Norte do Altar de Juramentos.

Ven.~. — Sentai-vos, meus Iir.~. (*ao neophyto*) Meu Ir.~, (*entregando-lhe um avental*) recebei este avental, a mais honrosa insignia do Maçon, pois é o emblema do trabalho, a indicar que nós devemos ser sempre activos e laboriosos. Deveis usal-o e honral-o, porque, jamais, elle vos deshonrará.

Sem elle não podereis comparecer ás nossas reuniões, mas tambem não deveis usal-o para visitar uma loja em que haja um irmão contra o qual tendes animosidade ou

com o qual estejais em desharmonia. Deveis antes e nobremente restabelecer vossas relações de fraterna e cordial amizade. Reatadas ellas, podereis, revestido de vossa insignia, trabalhar em Loja, mas si, desgraçadamente, não puderdes restabelecer as vossas relações, melhor será que vos retireis, antes que a paz e a harmonia da Loja sejam perturbadas com a vossa presença.

(*Entregando dois pares de luvas, um para homem, outro para mulher*) Obedecendo a uma antiga tradição, offereço-vos dois pares de luvas; um é para vós. Pela sua alvura, vos recordará a candura que deve reinar no coração dos maçons e, ao mesmo tempo, vos avisará de que nunca deveis manchar as vossas mãos nas impurezas do vicio e do crime. O outro será para offerecerdes áquella que mais estimardes e que mais direito tiver ao vosso respeito, a fim de que ella vos recorde constantemente os deveres que acabaes de contrahir para com a Maçonaria. Este offerecimento tem, tambem, por fim prestar homenagem á virtude da mulher, que mãe, esposa, irmã ou filha, é quem nos traz consolação, conforto e alento nas amarguras, nas attribuições e nos desfallecimentos de nossa vida.

Agora, vou communicar-vos os segredos do Grão de Aprendiz Maçon, ou sejam os signaes e toques que permittem aos Maçons o reconhecimento entre si. Todos têm por base o numero tres, que são os tres pontos da esquadria, formada pelo nivel e pelo prumo.

Deveis estar perfeitamente erecto, formando com os pés uma e.°. (*colloca o neophyto na posição*) O corpo nessa posição é considerado como emblema do espirito e a dos pés representa a rectidão das acções. Avança, agora, com o p.°. e.°, (*o neophyto executa*) juntando em seguida ao seu c.°. o c.°. do p.°. d.°. (*o neophyto executa*). Este é o primeiro p.°. r.°. da Maçonaria e é nesta posição que os segredos do grão se communicam. Esses segredos são um s.°, um t.° e uma p.°. O s.° é este (*faz o s.°*); o t.° é (*dá o t.°*), ao qual se corresponde (*executa*). Este t.° indica o pedido de uma p.°. s.°. Não se escreve e nem se pronuncia, dá-se por l.° e s.°. Vou ensinar-vol-a juntamente com o Ir.°. M.°. de CC.°. (*toma a m.°. do Aprendiz e dá o t.°*) Ir.°. M.°. de CC.°, como se chama este t.°?

M.°. de CC.°. — O t.° do A.°.

Ven.°. — Que indica?

M.°. de CC.°. — Que se pede a p.°. s.°.

Ven. — Dae-me a p. s.

M. de CC. — Como aprendiz não sei ler nem escrever,

Ven. Mestr., sei apenas soletrar. P. i. n. v. p.

d. s. s. D. a. p. l. q. e. v. d. a. s.

Dão assim a palavra.

Ven. — (*ao neophyto*) Esta palavra deriva da Col. collocada do lado norte da porta do Templo de Salomão e significa FORÇA MORAL, APOIO.

Ha tambem a p. semestral, renovada de seis em seis mezes, dada pelo Grão Mestre, na época dos solstícios e que serve para comprovar a regularidade do obreiro; não se póde entrar em Loja regular sem a conhecer. No fim da sessão eu vol-a communicarei com as formalidades estabelecidas. Deveis sempre dar, pela fórma que vistes, a p. s. ao Cobridor da Loja que fordes visitar, mas deveis tambem trocar a semestral para que tenhais a certeza de que entraes em Loja regular.

Dae mais dois p. iguaes ao primeiro (*o neophyto execut*). E' com esses tres p. que se entra numa Loja em trabalhos, fazendo-se em seguida a saudação ao Ven. Mestr. e aos VVig., da seguinte forma (*faz a saudação*).

A vossa idade maçonica é (*diz a idade*).

Para que tomeis conhecimento das Leis que nos regem, recebi este exemplar da Constituição, o do Regulamento Geral de nossa Serenissima Gr. Loj., e do Regulamento particular desta Loja e o Ritual do gráo de Aprendiz Maçon. Lêde-os reflectidamente, pois pelos dois primeiros tomareis conhecimento dos poderes que nos regem, dos vossos deveres e direitos, em geral; pelo outro aprendereis o que deveis á Loja em particular. Pelo Ritual aprendereis o symbolismo que usamos. Não deveis, entretanto, restringir-vos ás explicações que ahi estão, porque nossos symbolos podem ser encarados debaixo de multiplos pontos de vista e cada um delles dá lugar a interpretações philosophicas analogas, mas differentes.

A Maçonaria, meu irmão, é uma associação cosmopolita em sua indole e em sua essencia; comtudo, em diversas partes do mundo, seguem-se ritos que differem apenas nas fórmas exteriores, na ordem e numero de grãos e em alguns pontos regulamentares, o que todavia não impede que os maçons a elles filliados se reconheçam mutua-

mente, e se tratem como irmãos. Esta Loja adopta o Rito Escocez Antigo e Acceito, reconhecendo, porém, como regulares e legitimos os de York e de Schroeder. Os Ritos Adonhiramita e o Moderno ou Francez não são reconhecido como regulares, aquelle porque, após pouco tempo de pratica em raros paizes, ha muito deixou de existir; e este porque, retirando de seus templos o Livro da Lei e abolindo a formula de invocação ao G. A. D. U., fugio dos principios fundamentaes maçonicos para se preocupar mais com assumptos politicos.

A nossa regularidade está nesta Carta Constitutiva (*mostrando a Carta*), oriunda da Gr. Loj. Symb. do Rio de Janeiro que, como já ouvistes, é a unica potencia symbolica legal e legitima na Jurisdicção deste Or. e que, por um Tratado com o Sob. Sup. Cons., do Gr. 33 do Rit. Esc. Ant. e Acc. para os Estados Unidos do Brasil, tem soberania administrativa e dogmatica sobre o symbolismo deste Rito. Outras Grandes Lojas regulares existem, no Brasil, com as quaes a nossa manter estreitos laços de fraternal amisade. Essas são as unicas regulares em todo o territorio brasileiro. Os demais corpos que se intitulam maçonicos são irregulares e, muito embora, não os possamos visitar nem consentir que os seus membros visitem nossas Lojas, o nosso dever maçonico nos obriga a que procuremos os homens de bem que nelles militam e lhes mostremos o caminho errado que trilharam, concitando-os a virem, na perfeita regularidade, trabalhar comnosco em prol dos grandes problemas sociaes que interessam a humanidade.

Agora, meu Ir., recebi o abraço fraternal que vos dão todos os obreiros desta Loja e que, crentes na sinceridade de vossas intenções, esperam encontrar em vossa acção maçonico-social a pratica rigorosa dos sãoes e sublimes principios da verdadeira Maçonaria. (*Dá o abraço*)

Ir. M. de CC., conduzi o irmão neophyto ao Ir. 2º Vig. para que o reconheça pelo s., pelo t. e pela p.; e ao Ir. 1º Vig. para que o ensine a trabalhar na p. b.

O M. de CC. cumpre a ordem. O 2º Vig. levanta-se e faz o exame. O 1º Vig., levantando-se, mostra ao neophyto a p. b. e ensina-lhe o modo pelo qual a desbatará.

2º Vig. — Ir. 1º Vig., o nosso irmão neophyto foi reconhecido pelo s., pelo t. e pela p.

1º Vig.: — Ven.: Mestr.:, o aprendiz, depois de reconhecido pelo s.:, pelo t.: e pela p.:, já começou a desbastar a p.: b.:

Ven.: — Ir.: M.: de CC.:, conduzi o neophyto ao vestibulo, prepara-o e ensinae-lhe a entrar em um Templo maçõnico.

O M.: de CC.: vae com o neophyto para fóra do Templo, onde este se reveste de suas roupas e do avental e aprende a entrar. Depois bate regularmente á porta do Templo.

2º Vig.: — (*depois de entrar o neophyto*) Ir.: 1º Vig.:, o neophyto entrou como Aprendiz Maçon e está entre columnas.

1º Vig.: — Ven.: Mestr.:, o irmão neophyto fez sua entrada como Aprendiz Maçon e acha-se entre columnas.

Ven.: — (*ao neophyto*) Meu Ir.:, este é para vós um dia de gloria que jamais deveis esquecer. Permitti que vos felicite por terdes sido admittido em nossa Ordem. (!) De pé e á ordem, meus Irmãos.

(!) Proclamo pela primeira vez o Ir.: F....., Aprendiz Maçon e membro desta Aug.: e Resp.: Loja Symbolica, sob os auspicios da GR.: LOJ.: SYMB.: do Rio de Janeiro.

Convido a todos os Irmãos a reconhecel-o como tal e a lhe prestarem auxilio e soccorro em todas as occasiões que elle necessitar.

1º Vig.: — (!) Proclamo pela segunda vez (*repete a proclamação*).

2º Vig.: — (!) Proclamo pela terceira vez (*repete a proclamação*).

Ven.: — Felicitemo-nos, meus irmãos, pela aquisição do novo obreiro e amigo que vem abrilhantar as columnas desta Loja, auxiliando-nos nos trabalhos, e cultivar connosco as affeições fraternaes. A mim, meus Irmãos, pelo signal, pela bateria e pela aclamação.

Cumprida a ordem:

Ven.: — (!) Sentemo-nos, meus Irmãos. Ir.: M.: de CC.:, convidae o novo Ir.: a gravar na Taboa da Loja o seu *ne varietur* e depois fazei-o sentar no topo da columna do Norte.

Depois de haver o neophyto cumprido a ordem e tomado seu lugar.

Ven.'. — Ilr.'. 1º e 2º VVig.'. , ajudae-me a explicar ao novo irmão os instrumentos e utensilios de Aprendiz Maçon.
(pausa)

Esses instrumentos são: a regua de vinte e quatro pollegadas.

1º Vig.'. — O maço.

2º Vig.'. — O cinzel.

Ven.'. — A regua era usada pelos maçons operativos para medir e delinear os trabalhos, medindo, tambem, o tempo e o esforço a despender. Como, porém, não somos maçons operativos, mas livres e acceitos, ou especulativos, empregamos a regua, assim dividida, porque ella nos ensina a apreciar as vinte e quatro horas em que está dividido o dia, induzindo-nos a empregal-as com criterio na meditação, no trabalho e no descanso physico e espiritual.

1º Vig.'. — O maço é instrumento importante e nenhuma obra manual poderá ser acabada sem elle. Ensina-nos, tambem, que a habilidade sem o emprego da razão é de pouco valor e que o trabalho é uma obrigação do homem. Inutilmente o coração conceberá e o cerebro projectará si a mão não estiver prompta a executar o trabalho.

2º Vig.'. — Com o cinzel, o obreiro dá fôrma e regularidade á massa informe da pedra bruta e pode marcar impressões sobre os mais duros materiaes. Por elle aprendemos que a educação e a perseverança são precisas para se chegar á perfeição; que o material grosseiro só recebe fino polimento depois de repetidos esforços e que é unicamente pelo seu incansavel emprego que se adquire o habito da virtude, a illuminação da intelligencia e a purificação da alma.

Ven.'. — E do todo inferimos este ensinamento moral: o conhecimento, baseado na exactidão, ajudado pelo trabalho e effectivado pela perseverança, vencerá todas as difficuldades, extinguindo as trevas da ignorancia e espargindo a felicidade no caminho da vida.

Tornae-vos, pois, a partir de hoje, investigador da verdade; aperfeiçoa-e-vos na Arte Suprema do pensamento — a Arte Real — que é o objecto das iniciações maçonicas; penetrae os nossos mysterios e vinde com assiduidade aos trabalhos para serdes admittido ás graças que a Loja não recusa aos obreiros que se elevam em seu conceito.

Agora vão vos ser restituídos os metaes de que fostes despojado. (*O M.'. de CC.'. entrega os metaes ao neophyto*) O falso brilho das cousas não deve, doravante,

illudir-vos porque já percorrestes o primeiro cyclo de uma transformação radical de vosso ser, pois fostes purificado intellectual e moralmente.

Ir.º. Orador, tendes a palavra. (!) Attenção, meus irmãos.

Orador — (*lendo*) Meu Irmão,

Causou-vos, naturalmente, estranheza que, em nossa associação, fosseis recebido de modo muito diverso do que se pratica nas sociedades civis. Em vez da simples aceitação e da apresentação dos co-associados, passastes, aqui, por um cerimonial e por um interrogatorio, que vos pareceram, talvez, inuteis principalmente na epoca materialista que empolga a vida hodierna.

Si volvermos um pouco ao passado e o compararmos ao presente, veremos que alguma cousa de eternamente bello e admiravel existe no homem, quando, prescrutando-lhes os instinctos moraes, o vemos, atravez das luzes da razão e sãs inspirações, senhor de seus destinos sociaes. E' que encaramos o homem não como um ser degenerado, preso á terra pelo egoismo de seus sentimentos, rastejando nos circulos dos preconceitos e seguindo servilmente os velhos erros hereditarios, mas como o ser superior aos demais, usando conscientemente de seus deveres e de seus direitos, para chegar ao apogeo da perfeição a que é destinado pela natureza. Eis porque nossas cerimoniaes se destinam a mostrar-vos que, a partir de hoje, tendes a desempenhar o glorioso papel de constructor social.

Mas, perguntareis, onde encontrar na sciencia humana, nesse amalgama onde o bem e o mal estão tão intimamente ligados que parecem formar um unico corpo, os elementos precisos de regeneração?

Não abusemos de nossas proprias fraquezas e muito menos do enlevo de nossas vaidades: o mal existe, por toda a parte, com suas attracções tentadoras, mas, por toda a parte está igualmente o bem, servindo de eixo a todas as existencias sociaes de amanhã. O mal não é um principio desconhecido como o bem, uma causa sem origem, é o lado fraco de nossa natureza, o passo escorregadio da vida sensitiva e si, manchando thronos e altares, corrompendo choupanas e palacios, invade a humanidade, não é justo que sacrificuemos nossa dignidade de homem e nossa força moral aos appetites da vida material; não é para que fuçamos da sciencia do bem, mas para que posamos pol-a em pratica no meio social.

Eis porque vos recebemos como *pedra bruta*. E' para que em vosso ser moral desbasteis as arestas e as asperezas que ainda existam, e vos torneis um elemento util á construcção do edificio social que á Maçonaria compete erigir. Symbolica embora, essa construcção não se fará com qual-quer argamassa, mas com o aproveitamento de vossa acção e de vosso trabalho exercidos nos corações humanos, onde existam as imperfeições do erro e as asperezas do orgulho e da vaidade, para que, em pleno desenvolvimento da liberdade de consciencia, saibais que ella sómente pôde ser util quando a razão dominal-a e guial-a, sem sacrificar os nobres instinctos da consciencia á avidez das paixões materiaes.

A Maçonaria é, na Terra, a unica instituição capaz de levar o homem ao dominio da paz, da ordem e da felicidade. Em seu seio não existem desejos e interesses pessoais a satisfazer e a ambição se circumscreve aos limites das necessidades da fraternidade. Nella a vaidade não pode medrar e todos se conformam aos direitos dos mais dignos e merecedores. Tendo por lei fundamental e como regra absoluta, o dominio dos desejos máos que atornentam a Humanidade, ella é a associação mais propicia á obtenção do aperfeiçoamento social, tendo-se em vista que o homem material desaparece deante do homem moral, que então, num terreno fertilizado pelas virtudes fraternaes, eleva-se a tanto quanto o pensamento intimo de seu Creador o destinou. Vede, pois, como a Maçonaria é providente e sabia em sua obra de progresso. Para evitar que seus filhos sejam o joguete de suas proprias intemperanças e de seus desregramentos, a Maçonaria instituiu uma Moral em acção, feita para dominar os corações mais rebeldes e mais inclinados ao mal; moral que em nada compromette os interesses privados dos homens, nem os geraes; moral, em uma palavra, que dá a cada um na proporção de seus direitos e de seus deveres.

Corramos o veu symbolico que occulta esses mysterios moraes. Irmão que, apenas chamado a amassar o cimento mystico, passastes por provas que encerram o pensamento intimo da Instituição, esta pôz logo deante de vossos olhos os elementos que irão servir ao vosso resurgimento espiritual, ou melhor, á transformação moral por que tereis de passar.

Lançarã-m-vos sosinho, no antro da miseria e da morte: ah! estaveis, como um criminoso, entregue a vós mesmo para que pudesseis meditar e reflectir. A reflexão é a

vida da alma. Sem reflexão o homem nada tem de humano, é um animal entregue aos mais grosseiros instintos. Começou, portanto, a Maçonaria a vos fazer reflectir sobre vosso destino e, longe de vos attrair por mentirosas apparencias, Ella clareou o quadro que deveria ferir vossa imaginação, para que jamais a incrimineis de ter, no dia de vosso baptismo, sido capciosa ou indulgente para convosco. Embora a Maçonaria vos tomasse em baixo ou no cume da escala da civilisação, embora fosseis pequeno ou grande, rico ou pobre, como lhe compete mudar as disposições de vossa natureza moral, Ella vos considerou como a larva que rasteja a terra e que, para chegar ao seu completo desenvolvimento, passa por transformações successivas. Cercando-vos de maximas moraes, ella vos patenteou que a sua linguagem não é a commum das associações civis. Depois do symbolismo das outras provas por que passastes e das revelações mysteriosas que foram, para vós, immenso ensinamento, Ella vos fez conhecer o que de vós exige em zelo e devotamento pela Humanidade, pela Patria, por vossos semelhantes e por vos mesmo e, em seguida, vos abriu a estrada da perfeição moral, onde sómente poderemos encontrar o repouso e a felicidade na terra. Antes de consagrar-vos á admissão entre os eleitos, exigiu de vós um juramento solemne. Acto solemne de um homem livre, prendestes de tal modo vosso presente e vosso futuro nas cadêas inquebrantaveis da honra e da dignidade, que violal-o seria um acto de covardia moral.

Sois, agora, Maçon. Voltareis ao mundo profano esclarecido pelos deveres de Aprendiz. Fazei dos conselhos que recebestes a pedra de toque e de amor para vossos semelhantes; amassae, com coragem e perseverança, o cimento mystico que servirá para edificar o Templo do G. . A. . D. . U. .

Conheceis agora o Templo symbolico e sabeis perfectamente que elle não se constróe com pedras e madeiras, porém com virtude, sabedoria, força, prudencia, gloria e belleza, enfim, com todos os elementos moraes que devem ser o ornamento dos Maçons.

Si a Maçonaria quer que sejais inteiramente devotado á Humanidade; si aqui, como em qualquer outra parte do mundo, Ella vos obriga a soccorrer o fraco e a defender o opprimido, não vos esqueçais que deveis á vossa Patria o amor sincero do patriota e o devotamento do cidadão; que as leis que a regem merecem vosso respeito e vossa

consciente submissão; que os que a governam têm direito á vossa confiança e ao vosso apoio, e si, por acaso, por vosso trabalho honesto vos tornardes independente pela fortuna, não vos esqueçais que, a par de Deus e da Maçonaria, deveis continua assistencia aos infelizes; levae á choupana, onde a miseria e o infortunio fazem gemer e chorar, o amparo de vossa intelligencia e o superfluo de vossas condições sociaes. Estudae o vosso character e as vossas inclinações, para poderdes, moralmente, desbastar-lhe as asperezas, como fizestes ha pouco, simbolicamente, na pedra bruta. Este é o trabalho do Aprendiz: “conhecer-se e aperfeiçoar-se, afim de que, livre dos preconceitos e vicios do mundo profano, possa aspirar o estudo da tradição e da historia maçonicas, cujos ensinamentos têm illuminado o Mundo desde as mais remotas eras”. Só então, comprehendereis á custa de quantas vidas se construiu o edificio moral da Maçonaria, que, desde os tempos mais remotos, prega a Moral mais elevada e continuará a pregal-a enquanto existir o genero humano.

Terminado o discurso do Orador, o neophyto poderá fallar, si o quizer. Reinando silencio, corre, com as formalidades, o Tr.º de Solid.º, que é conferido pelo Ir.º Thesoureiro, sendo o resultado da collecta annunciado, directamente, pelo Ven.º Mestr.º, á Loja. Segue-se a palavra a bem da Ordem, depois do que serão encerrados os trabalhos e feita a Cadeia de União para a transmissão da Pal.º Semestr.º.

FILIAÇÃO

Achando-se algum irmão filiando na sala dos PP.: PP.:

Ven.: — (!) Meus Iir.:, acha-se na sala dos PP.: PP.: o nosso Ir.: F..... cuja filiação foi approvada por esta Loj.:; consulto-vos si estais ainda de accôrdo a que se proceda á sua recepção.

Si houver alguma opposição justificada, o Ven.: Mestr.:, sem abrir discussão, submete a votos, decidindo a maioria. Caso, pelos motivos allegados, a Loj.: julgue dever adiar ou annular a filiação, dar-se-á participação ao Ir.: candidato. Não havendo impugnação e reinando silencio annunciado pelos VVig.::

Ven.: — Ir.: M.: de CC.:, ide á sala dos PP.: PP.: buscar o nosso Ir.: filiando.

O M.: de CC.: irá sosinho buscar o candidato se este for Aprendiz ou Companheiro-Maçon. Si for M.: M.:, convidará a dois irmãos para, com elle, constituirem a comissão introductora.. Voltando, bate á porta do Templo.

G.: do Temp.: — Ven.: Mestr.:, como Aprendiz, batem á porta do Templo.

Ven.: — Vêde quem assim bate, meu irmão.

O G.: do Temp.:, de espada em punho, entreabre a porta do Templo, e, apontando a ponta da espada para fóra, informa-se e, em seguida, fecha a porta.

G.: do Temp.: — Ven.: Mestr.:, é o nosso Ir.: M.: de Cerimonias, acompanhando o nosso Ir.: F..... que deseja se filiar nesta Loja.

Ven.: — Franqueai o ingresso, Ir.: G.: do Temp.: (!) De pé e á ordem, meus Iir.:.

Aberta a porta do Templo, o M.: de CC.: entra com o candidato, fazendo ambos a entrada e a saudação ritualisticas. O G.: do Templo fecha immediatamente a porta.

Ven.º — (*descobrimdo-se*) Sede bemvindo, meu irmão, e que nossa Loja seja para vós uma habitação de paz e de concordia, onde, unindo-vos a nós pelos sagrados laços de fraternidade leal e sincera, possais continuar os trabalhos em prol da emancipação da Humanidade. Sois Maçon e, portanto, já conheceis vossos deveres para com a Família, a Patria e a Humanidade.

(*ao M.º de CC.º*) Ir.º M.º de CC.º, conduzi o nosso irmão ao Altar dos Juramentos para ratificar seus compromissos.

O M.º de CC.º, segurando o filiado pela mão esquerda, condu-lo ao Altar dos Juramentos, onde o 1º Diacono o incensará por tres vezes; depois:

Filiando — JURO E PROMETTO, por minha honra e por minha Fé, cumprir e fazer cumprir a Constituição e as Leis da Gr.º Loj.º Symb.º do Rio de Janeiro, bem como o Regulamento e deliberações desta Loja, pautando minha vida pelos são principios da Maçonaria Universal e reconhecendo esta Gr.º Loj.º Symb.º como unica Potencia Maçonica legal e legitima para o symbolismo do Rit.º Esc.º Ant.º e Acc.º, nesta Jurisdicção.

O M.º CC.º levanta o Filiando, que ficará de pé e á ordem.

Ven.º — Em nome desta Loja aceito vosso compromisso e vos proclamo membro activo de seu quadro. Recebei, por meu intermedio, as saudações sinceras de todos os irmãos, que esperam o auxilio efficaz de vossos esforços para o alevantamento moral e material desta Officina, afim de que ella possa continuar a desobrigar-se nobremente dos deveres que contraiu para com a nossa Ordem.

Ir.º M.º de CC.º, fazei o nosso Ir.º gravar o seu *ne varietur* na Taboa da Loja e, depois, conduzi-o ao lugar que lhe compete.

Depois de executada a ordem:

Ven.º — Tendes a palavra, Ir.º Orador.

O orador fará um discurso apropriado, sem, entretanto, entrar em elogios exagerados e nem em apreciações que não sejam puramente maçonicas.

Terminada a oração, proseguem os trabalhos na fôrma do costume.

NOTA — Para os casos de regularisação, servirá este mesmo ritual, substituídas as palavras: *filiando, filiação* pelas *regularisando, regularisação* e o juramento, que será o destinado ao neophyto. O Ven.º. Mestr.º. na proclamação dirá: *Em virtude dos poderes de que estou investido, eu, em nome da Gr.º. Loj.º. Symb.º. d....., vos considero regularisado como Maçon e membro activo desta Loja.*

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

Ven.º. — (!) Irmãos 1º e 2º VVig.º., annunciae, em vossas CCol.º., como eu annuncio no Or.º., que vamos encerrar os trabalhos desta Loja de Aprendizizes-Maçons.

Os VVig.º. fazem o annuncio e depois de annuciado:

Ven.º. — Ir.º. 2º Diac.º., qual é vosso lugar em loja?

2º Diac.º. — (*levantando-se e ficando á ordem*) A' direita do Ir.º. 1º Vig.º.

Ven.º. — Para que, meu Irmão?

2º Diac.º. — Para transmittir as ordens ao Ir.º. 2º Vig.º. e ver si os Obreiros se conservam nas columnas com o devido respeito, disciplina e ordem. (*saúda e senta-se*)

Ven.º. — Ir.º. 1º Diac.º., qual é vosso lugar em Loja?

1º Diac.º. — (*levantando-se e ficando á ordem*) A' vossa direita, abaixo do sólio.

Ven.º. — Para que, meu Irmão?

1º Diac.º. — Para transmittir vossas ordens aos IIr.º. 1º Vig.º. e demais dignidades e Officiaes, afim de que os trabalhos sejam executados com regularidade e promptidão.

Ven.º. — Onde tem assento o Ir.º. 2º Vig.º.?

1º Diac.º. — Ao Sul. (*saúda e senta-se*)

Ven.º. — Para que occupais esse lugar, Ir.º. 2º Vig.º.?

2º Vig.º. — Para melhor observar o Sol em seu meridiano, chamar os Obreiros para o trabalho e mandal-os á recreação afim de que os trabalhos prosigam com ordem e exactidão, a bem da Patria e da Humanidade.

Ven.º. — Onde tem assento o Ir.º. 1º Vig.º.?

1º Vig.º. — No Occidente, Ven.º. Mestr.º.

Ven.º. — Para que occupais esse lugar, Ir.º. 1º Vig.º.?

1º Vig.º. — Assim como o Sol se occulta no Occidente para terminar o dia, assim aqui tenho assento para fechar a Loja, pagar os obreiros e despedil-os contentes e satisfeitos.

Ven.º. — E os obreiros estão satisfeitos?

Todos batem com a palma da mão direita no avental em signal de affirmação.

Ven.º. — Que idade tendes, Ir.º. 1º Vig.º.?

1º Vig.º. —

Ven.º. — E a que horas é permittido aos Aprendizizes-Maçons deixarem o trabalho?

1º Vig.º. —

Ven.º. — Que horas são, Ir.º. 2º Vig.º.?

2º Vig.º. —

Ven.º. — (!)

1º Vig.º. — (!)

2º Vig.º. — (!)

Ven.º. — De pé e á ordem, meus Ir.º.º.

Com o mesmo ceremonial da abertura, o Ven.º. Mestr.º. transmite a P.º. S.º.º.

2º Vig.º. — (*depois de recebida a P.º. S.º.º.*) Tudo está justo e perfeito na Col.º. do S.º., Ir.º. 1º Vig.º.º.

1º Vig.º. — Tudo está justo e perfeito em ambas as CCol.º.º.

Ven.º. Mestr.º.º.

O Ir.º. que abriu o Livro da Lei vae, com as mesmas formalidades da abertura, se postar em frente ao Altar dos Juramentos.

Ven.º. — (!) Ir.º. 1º Vig.º., estando tudo justo e perfeito, tendes minha permissão para fechar a Loja. (*descobre-se*)

1º Vig.º. — (!) Em nome do G.º. A.º. D.º. U.º. e de S. João, nosso Padroeiro, está fechada esta Loja de Aprendizizes-Maçons. (!)

Neste momento é fechado o Livro da Lei.

Ven.º. — (!) A mim, meus irmãos, pela bateria e pela exclamação.

Todos — (*depois de dada a bateria*) HUZZE'! HUZZE'!
HUZZE'!

Os Iir.'. que se encontram junto ao Altar dos Juramentos voltam a seus lugares. O 1º Diac.', de passagem, fecha o Painei da Loja.

Ven.'. — Meus Irmãos, os trabalhos estão encerrados e a nossa Loja fechada. Antes de nos retirarmos, juremos o mais profundo silencio sobre tudo quanto aqui se passou.

Todos — (*estendendo a mão direita*) Eu o juro!

O 1º Vig.'. abaixa a Col.'. de seu Altar e o 2º levanta a do seu. Si se tiver de transmittir a Palavra Semestral, forma-se a Cadeia de União. Terminada a transmissão, ou não tendo circulado a P.'. Sem.', o Ven.'. Mestr.'. sahe, seguido pelos VVig.', aos quaes seguem, em ordem inversa á da entrada, os demais obreiros. Durante a sahida, o orgão executa uma marcha que poderá ser acompanhada, pelos irmãos, de um cantico apropriado. O signal de ordem é desfeito ao transpor a porta do Templo. Depois de passar o ultimo irmão, o Guarda do Templo apaga as luzes e fecha o Templo.

NOTA — Sendo o templo um lugar sagrado para os Maçons, este não deve permanecer aberto nem servir de ponto de reunião para palestras ou descanço e, muito menos, dentro delle, *será permittido fumar.*

SUSPENSÃO DOS TRABALHOS PARA RECREAÇÃO

Ven.'. — (!) Ir.'. 2º Vig.', qual é vosso lugar em Loja?

2º Vig.'. — No Sul, Ven.'. Mestr.'..

Ven.'. — Para que, meu Irmão?

2º Vig.'. — Para melhor observar o Sol na sua passagem pelo meridiano, chamar os obreiros para o trabalho e mandal-os á recreação.

Ven.'. — Que horas são?

2º Vig.'. — O Sol está no meridiano.

Ven.'. — E os obreiros têm trabalhado com afinco e perseverança?

2º Vig.'. — Sim, Ven.'. Mestr.'..

Ven.'. — Então tendes minha permissão para mandal-os á recreação, suspendendo, por alguns instantes, os trabalhos.

2º Vig.'. — (!) Meus irmãos, de ordem do Ven.'. Mestr.', os trabalhos vão ser suspensos por alguns momentos, para que vos entregueis á recreação, tendo o devido cuidado de

ficar nas proximidades afim de attenderdes ao chamado de volta ao trabalho (!).

1º Vig.º — (!)

Ven.º — (!)

O 2º Vig.º levanta o Col.º de seu Altar e o 1º Vig.º abaixa a do seu. O irmão que abriu o Livro da Lei vae fechal-o, collocando-lhe por cima o compasso e o esquadro, na mesma posição que guardam entre si.

REABERTURA DOS TRABALHOS

Estando todos os officiaes de pé e á ordem, o Ven.º (!), repetido pelos VVig.º. Os demais Iir.º. ficam simplesmente de pé.

Ven.º — (!) Ir.º. 2º Vig.º., que horas são?

2º Vig.º. — O Sol passou do zenith, Ven.º. Mestr.º.

Ven.º. — Então tendes a minha permissão para chamar os Obreiros afim de reencetarmos nossos trabalhos.

2º Vig.º. — (!) Meus Iir.º., de ordem do Ven.º. Mestr.º., suspendei vossa recreação para retomar o vosso trabalho.

1º Vig.º. — (!)

Ven.º. — (!)

Todos os Obreiros ficam á ordem. O 2º Vig.º. abaixa a Col.º. de seu Altar e o 1º Vig.º. levanta a do seu. O irmão que fechou o Livro da Lei vae novamente abril-o no logar apropriado, superpondo-lhe o compasso e o esquadro na posição do gráo.

Ven: — Sentemo-nos, meus Iir.º.

Os trabalhos proseguem do ponto em que foram suspensos.



PAINEL DA LOJA DE APRENDIZ

INSTRUÇÕES

Para que o Aprendiz-Maçon adquira conhecimentos masonicos que lhe darão o direito a augmento de salario, deve receber, pelo menos, CINCO instrucções em sessões separadas e que a Loja é obrigada a realisar.

Quando, em uma sessão, não houver iniciação a fazer, o Ven.º Mestr.º occupará o tempo a ella destinado, em instrucção dos Aprendizes e, mesmo que não haja irmãos aprendizes, fal-as-á para recapitulação, pois as instrucções prestam-se ao recordar dos ensinamentos e das finalidades da Maçonaria e do Rit.º Esc.º Ant.º e Acc.º. Não se devendo fazer maçonaria de logismo, todos os membros de uma Loja devem procurar, quanto possivel, compreender a vantagem desses ensinamentos, assimilando-os para que tenham em mente o dever de pautarem seus actos individuaes de *todos os dias* por esse rico e antiquissimo manancial de Sabedoria.

PRIMEIRA INSTRUÇÃO

(Explicação do Pannel da Loja de Aprendiz)

Ven.º. — (!) Meus Iir.º., de accordo com os preceitos que nos regem, vamos proceder á primeira instrucção destinada especialmente ao nosso Ir.º Aprendiz F.....; (*caso não haja aprendiz*) destinada a recordar nossos ensinamentos.

Ven.º. — Meus Iir.º., a Maçonaria teve sua origem nas antigas Fraternidades Iniciaticas do Egypto, das quaes recebeu a sua tradição, que guarda intacta, com o maior cuidado, afim de podel-a transmittir aos seus Iniciados.

Do mesmo modo que os antigos philosophos egypcios que, afim de subtrahir aos olhos dos profanos seus segredos e mysterios, ministravam seu ensino por meio de emblemas e allegorias, a Maçonaria continua a tradição egypcia, encerrando os seus ensinamentos e philosophia em symbolos e allegorias, pelos quaes occulta as suas ver-

dades ao mundo profano, só as revelando áquelles que ingressam nos seus Templos.

Sendo o primeiro grão o alicerce da philosophia symbolica, resumindo elle toda a moral maçonica, pelo aperfeiçoamento humano, compete ao Aprendiz-Maçon o trabalho de desbastar a *pedra bruta*, isto é, desvencilhar-se dos defeitos e paixões profanas, para poder concorrer á construção Moral da Humanidade, que é a verdadeira obra da Maçonaria.

Vamos dar hoje aos nossos Iir.'. Aprendizizes a sua primeira instrução, que consiste na explicação do Pannel da Loja do 1º Grão.

Ir.'. Orador, tendes a palavra.

Orador — Meus Iir.', o Pannel que vêdes representa o meio, o caminho que deveis trilhar para attingirdes o dominio de vós mesmos pelo trabalho e pela observação. Vosso principal, vosso unico desejo deve resumir-se em avançardes, em progredirdes na Grande Obra que emprehendestes, ao entrardes neste Templo. Ao fim da jornada de trabalho e de aperfeiçoamento moral, symbolisada no desbastar das asperezas desse bloco informe a que chamamos *pedra bruta*, quando vos transformardes pela fé e pelo esforço na *pedra polida* prompta a fazer parte do edificio, estareis aptos a descançar o maço e o cinzel e a tomardes outros utensilios, que vos serão dados, quando subirdes mais um degráo na hierarchia maçonica.

Para isso é que recebeis 5 instruções no grão de aprendiz, symbolisando as cinco épocas, os cinco annos que, outr'ora, passava o Aprendiz-Maçon encerrado no Templo, onde só tinha entrada depois de dois annos de observação por parte dos *Companheiros e Mestres*, completando assim os *sete annos* exigidos, naquella época, para o compromisso do primeiro grão.

A primeira instrução é a mais simples, mas tambem a mais symbolica.

No Pannel da Loja se condensam todos os symbolos que deveis conhecer e que, si bem os comprehenderdes nesta instrução, parecer-vos-ão muito faceis e claras as instruções subseqüentes.

A forma da Loja é de um quadrilongo, isto é, uma figura alongada, de quatro lados; seu comprimento é de Leste a Oeste; sua largura do Norte ao Sul; sua profundidade, da superficie ao centro da Terra e sua altura da Terra ao Céu.

A Loja é representada desse modo, numa tão vasta extensão, para symbolisar a Universalidade da nossa Instituição e para mostrar que a Caridade de um Maçon não tem limites, a não ser os dictados pela Prudencia.

Orienta-se a Loja de Leste a Oeste, porque todos os logares de Culto Divino, todos os antigos Templos e todas as Lojas Maçônicas regularmente constituídas assim devem estar, por tres razões:

- 1ª — Porque o Sol, que é a maior Gloria do Senhor, nasce a Leste e se occulta a Oeste;
- 2ª — Porque a Civilisação e a Sciencia nos vieram do Oriente, espalhando a sua benefica influencia para o Occidente;
- 3ª — Porque a Doutrina do Amor e da Fraternidade, o exemplo do cumprimento da Lei, tambem nos vieram do Oriente, por intermedio do nosso Divino Mestre.

Desde o começo, O Todo-Poderoso, o Principio Creador a que chamamos o Gr.'. Arch.'. do Univ.'. , nunca deixou de dar um testemunho da Sua existencia entre os homens.

Lemos nas Sagradas Escripturas que Abel fez uma offerta mais agradavel ao *Senhor* do que a de Caim; que “Enoch caminhou para *Deus* e *Deus* o levou”; que Noé era um justo e que, por isso, *Deus* o salvou, fazendo com que construísse uma Arca; que Abrahão era fiel a *Deus*, bem como toda a sua familia e não hesitou em sacrificar seu filho ao *Senhor*, O Qual evitou o sacrificio, enviando um anjo para impedil-o; e que Jacob combateu com um anjo, venceu-o e por isso obteve a benção do *Senhor* para si e para todos os seus descendentes.

Mas a primeira noticia que temos de um local, exclusivamente destinado ao Culto Divino, é depois do exodo dos Israelitas do Egypto, sob a direcção do fiel Moysés, segundo a promessa feita ao seu antepassado Abrahão, de que Elle faria da sua raça uma grande e poderosa nação, cujos filhos se multiplicariam como as areias do mar e as estrellas do Céu.

Por intermedio ainda do seu fiel servo Moysés, Elle construiu uma Tenda, ou Tabernaculo, erigida no deserto, para receber a Arca da Alliança e as Taboas da Lei, bem como para nelle (Tabernaculo) ser solemnizado o Culto Divino.

Esse Tabernaculo foi sempre, por ordem especial do *Senhor*, armado no deserto, de Leste para Oeste e servio, muito tempo depois, de modelo, na sua planta e posição, ao magnifico Templo erigido em Jerusalém pelo Sabio e Poderoso Monarcha, o Rei Salomão, e cujo esplendor e riqueza fizeram com que fosse considerado como a maior maravilha da Época.

Esta é a razão principal por que todas as Lojas Maçonicas, que representam symbolicamente o Templo de Salomão, são situadas e orientadas de Leste para Oeste.

Sustentam nossa Loja tres grandes Pilares, denominados SABEDORIRA, FORÇA e BELLEZA.

A *Sabedoria* inventa e cria, a *Força* sustenta e anima e a *Belleza* adorna.

A *Sabedoria* deve nos orientar no caminho da Vida, a *Força* nos animar e sustentar em todas as difficuldades e a *Belleza* adornar todas as nossas acções, nosso character e nosso espirito.

O Universo é o Templo da Divindade a quem servimos; a Sabedoria, a Força e a Belleza estão em volta do Seu throno como pilares de Suas obras; porque Sua Sabedoria é infinita, Sua Força omnipotente e a sua Belleza se manifesta, em toda a Sua criação, pela symetria e pela ordem.

Representam ainda os tres pilares de uma Loja Maçonica:

SALOMÃO, rei de Israel;
HIRAM, rei de Tyro; e
HIRAM-ABIFF.

Salomão, pela sua Sabedoria em construir, completar e dedicar o Templo de Jerusalem ao Serviço de Deus;
Hiram, pela Força que deu aos trabalhos do Templo, fornecendo homens e material; e

Hiram-Abiff, pelo seu trabalho primoroso em adornar-o, dando-lhe uma Belleza sem par, até hoje nunca attingida.

Tres ordens de Architectura foram usadas na construcção do Templo e, por analogia, diz-se que:

A *Jonica* representa a Sabedoria;
a *Dorica*, a Força; e
a *Corinthia*, a Belleza.

A cobertura de uma Loja Maçonica se representa por uma *Abobada Celeste* de côres variadas, representando o CE' O, isto é, o *Infinito*.

O caminho pelo qual nós, Maçons, esperamos atingir-A, é expresso simbolicamente pela escada existente no Painel, e que as Sagradas Escripturas denominam a *Escada de Jacob*, nome que, sempre guarda fiel da antiga tradição, a Maçonaria conserva.

Por isso é que dizemos aos Aprendizes-Maçons, depois de sua iniciação, “*que puzeram o pé no 1º degráo da ESCADA DE JACOB*”, significando-lhes que deram o primeiro passo no caminho do seu aperfeiçoamento moral.

Compõe-se esta escada de muitos degráos, todos elles representativos das virtudes exigidas ao Maçon, no seu caminho para a perfeição.

Na sua base, centro e topo, entretanto, destacam-se tres symbolos, muito conhecidos no mundo profano, como representando a FE', a ESPERANÇA e a CARIDADE.

De facto são estas as principaes virtudes moraes que devem ornar o espirito de qualquer ser humano e, principalmente, dos Maçons.

Fé no Gr.: Arch.: do Univ.:

Esperança no Aperfeiçoamento Moral; e

Caridade para com o Genero Humano.

Ainda por analogia, poderemos explicar do seguinte modo essas tres Virtudes:

A *Fé* é a *Sabedoria* do espirito, sem a qual o homem nada levará a termo;

a *Esperança* é a *Força* do espirito, amparando-o e animando-o nas difficuldades que encontra, a cada passo, no caminho da existencia; e

a *Caridade* é a *Belleza* que adorna o espirito e os corações bem formados, fazendo com que nelles se abriguem os mais puros sentimentos humanos.

O interior de uma Loja Maçonica contem Ornamentos, Paramentos e Joias.

Os *Ornamentos* são o *Pavimento de Mosaico*, a *Estrella Flammigera* e a *Orla Dentada*:

O *Pavimento de Mosaico*, com os seus losangos brancos e pretos, nos mostra que, apezar da diversidade, do antagonismo de todas as cousas que adornam a Natureza, em tudo reside a mais perfeita Harmonia. Isso nos serve de lição para que não olhemos as diversidades de côres e de raças, o antagonismo das religiões e dos principios que regem os differentes povos da Humanidade, senão como uma *exterioridade* de manifesta-

ção, apenas; mas que, entretanto, toda a Humanidade foi creada para viver na mais perfeita *Harmonia*, na mais intima *Fraternidade*.

A *Estrella Flammigera* representa a principal *Luz* da Loja. Symbolisa o Sol, Gloria do Creador, e nos dá o exemplo da maior e da melhor virtude que deve ornar um coração de Maçon: *A Caridade*.

Espalhando Luz e Calor (ensino e conforto) por toda a parte onde attingem seus raios vivificantes, elle nos ensina a praticar o Bem, não num circulo restricto de amigos ou affeioados, mas a *todos aquelles* que necessitarem e até onde a nossa Caridade possa alcançar.

A *Orla Dentada*, emfim, mostra-nos o principio de attracção universal, symbolisada no *Amor*. Representa, com seus multiplos dentes, os planetas que gravitam em torno do Sol; os povos reunidos em torno de um chefe; os filhos reunidos em volta dos Paes; emfim, os Maçons unidos e reunidos em torno da Loja, cujos ensinamentos, cuja Moral aprendem para espalhar-os aos quatro cantos do Orbe.

A *Paramenta* da Loja é constituída pelo L.º da L.º, Comp.º e Esq.º.

O L.º da L.º representa o Codigo de Moral que cada um de nós respeita e segue, a Philosophia que cada qual adopta, emfim é a Fé que nos governa e anima.

O *Comp.º* e o *Esq.º*, que só se mostram unidos, em Loja, representam a *medida* justa e a *rectidão* que devem presidir a todas as nossas acções, que não se podem afastar da *justiça*, tampouco da *rectidão*, que regem todos os actos de um verdadeiro Maçon.

As pp.º do *Comp.º*, occultas sob o *Esq.º*, significam que o *Apr.º*, só trabalhando para desbastar a *pedra bruta*, não pode fazer uso daquelle, enquanto sua obra ainda não estiver perfeitamente acabada, polida e esquadriada.

As *Joiás* da Loja são:

Tres moveis e *tres* fixas.

As *moveis* são o E.º, o N.º e o P.º.

Assim as chamamos porque, cada anno, são transferidas aos Novos VVen.º e VVig.º, em cada passagem de Administração da Loja.

As *fixas* são: o P.º da L.º, a P.º B.º e a P.º P.º ou C.º.

O P.º da L.º serve para o Mestr.º desenhar e traçar. Isto exprime simbolicamente que o Mestre guia os

AApr.:, no trabalho indicado pelo P.: da L.:, *traçando* o caminho que elles devem seguir para o seu aperfeiçoamento, afim de poderem progredir nos trabalhos de Arte Real.

A P.: B.: serve para nella trabalharem os AApr.:, marcando-a e desbastando-a até que seja julgada *polida*, pelo Mestre da Loja.

A P.: P.: ou C.: serve para os OObr.: experimentados ajustarem e experimentarem suas Joias.

Chamam-se *fixas* a estas ultimas Joias, porque permanecem *immoveis* em Loja, como um Código de Moral, aberto á comprehensão de todos os Maçons.

Do mesmo modo que o P.: da L.: é o traçado *objectivo*, o L.: da L.: é o traçado *espiritual* para o aperfeiçoamento de todo o Maçon, se elle quizer attingir o topo da Escada de Jacob, após haver desbastado as asperzas do seu *eu* intimo, representadas pela ambição, orgulho, egoismo e demais paixões que torturam os corações profanos.

A P.: B.: é o material retirado de sua jazida, no *estado da natureza*, até que, pela ingeniosidade e trabalho do Obreiro, fica na devida forma para poder entrar na construcção do edificio. Ella representa a intelligencia, o sentimento do homem no seu estado primitivo, asperos e despolidos como a P.: B.:, e nesse estado se conservam até que, pelo cuidado e instrucção ministrados por seus paes ou mentores, dando-lhe uma educação liberal e virtuosa, elle se torna um ente *culto*, capaz de fazer parte de uma sociedade civilisada.

A P.: P.: ou C.: é um material perfeitamente trabalhado, de linhas e angulos *rectos*, que só pode ser verificado e experimentado pelo Comp.: e pelo Esq.:

Representa o saber do homem no fim da vida, quando elle a applicou em actos de piedade e de virtude, que só podem ser medidos e julgados pelo Esq.: da Palavra Divina e pelo Comp.: de sua propria consciencia esclarecida.

Em toda a Loja Maçonica Regular, Justa e Perfeita existe um ponto dentro de um circ.:, que um verdadeiro Maçon não póde transpor. Este circ.: é limitado, entre o Norte e o Sul, por duas linhas parallelas, uma representando Moysés, outra o rei Salomão.

Na parte superior deste circ.: fica o L.: da L.:, que supporta a Escada de Jacob, cujo cimo toca os Céos. Caminhando dentro deste circ.:, sem nunca o transpor-

mos, limitar-nos-emos ás duas linhas parallelas e ao L.: da L.: e, enquanto assim procedemos, não podemos errar.

Pendentes dos cantos da Loja, veem-se quatro borlas, collocadas nos pontos extremos da mesma para nos lembrarem as quatro virtudes *cardaes* — TEMPERANÇA, JUSTIÇA, CORAGEM e PRUDENCIA — que a nossa antiga tradição nos diz terem sido praticadas pela grande maioria dos nossos antigos Iir.:.

Os caracteristicos de um bom Maçon são Virtude, Honra e Bondade; e, embora banidas de todas as outras sociedades,devem sempre ser encontradas no coração dos Maçons.

SEGUNDA INSTRUCÇÃO

Ven.: — Ir.: 1º Vig.:, que ha de commum entre nós?

1º Vig.: — Uma verdade, Ven.: Mestr.:.

Ven.: — Que verdade é essa, meu Ir.:?

1º Vig.: — A existencia de um Gr.: Arch.:, Creador do Universo, isto é, de tudo que foi, que é e que será.

Ven.: — Como sabeis isso, meu Ir.:?

1º Vig.: — Porque além dos órgãos que constituem nosso ser material, o Ente Supremo nos dotou de intelligencia, que nos faz discernir o Bem do Mal.

Ven.: — Essa faculdade, a que chamais intelligencia, é independente de vossa organização physica?

1º Vig.: — Ignoro-o, Ven.: Mestr.:. Creio, porém, que, como os nossos sentidos, ella é susceptivel de progresso e de aperfeiçoamento e tem sua infancia, sua adolescencia e sua maturidade; rudimentar nas creanças, manifesta-se nos adultos, aperfeiçoa-se e eleva-se, progressivamente, ao mais alto gráo de concepção.

Ven.: — A intelligencia é sufficiente para discernir o Bem do Mal?

1º Vig.: — Sim, Ven.: Mestr.:, quando dirigida por uma moral sã.

Ven.: — Onde encontrarmos os ensinamentos dessa moral?

1º Vig.: — Na Maçonaria, Ven.: Mestr.:, porque aqui se ensina a moral mais pura e mais propicia á formação do character do homem, quer considerado sob o ponto de vista social, quer sob o individual.

Ven.: — Ir.: 2º Vig.:, sois Maçon?

2º Vig.: — M.: I.: C.: T.: M.: R.:.

Ven.: — Em que se baseia a Moral ensinada pela Maçonaria?

- 2º Vig.: — No Amor do proximo, Ven.: Mestr.:.
- Ven.: — Esta, porém, não deve ser a base de todos os principios de qualquer Moral?
- 2º Vig.: — Sem duvida que sim, Ven.: Mestr.:. A moral maçonica, porém, é o systema mais apropriado e mais pratico para o seu ensino.
- Ven.: — Em que consiste esse systema, meu Ir.:?
- 2º Vig.: — Em mysterios e allegorias.
- Ven.: — Quaes são esses mysterios, meu Ir.:?
- 2º Vig.: — Não me é permitido revelal-os, Ven.: Mestr.:; interrogai-me e chegareis a descobri-los e a comprehendel-os.
- Ven.: — Que vos exigiram para serdes recebido Maçon?
- 2º Vig.: — Que fosse livre e bons costumes.
- Ven.: — Como *Livre*? Admittis, por acaso, meu Ir.:, que um homem possa viver na escravidão?
- 2º Vig.: — Não, Ven.: Mestr.:. Todo homem é livre; pôde, porém, estar sujeito a entraves sociaes que o privem, momentaneamente, de parte de sua liberdade e, o que é peor, o tornem escravo de suas proprias paixões e de seus preconceitos. E' precisamente desse jugo que se deve libertar todo o homem que aspira pertencer á nossa Ordem. Assim, aquelle que voluntariamente abdica de sua liberdade, deve ser excluido de nossos mysterios, porque quem não é senhor de sua propria individualidade não pôde contrahir nenhum compromisso sério.
- Ven.: — Ir.: 1º Vig.:, como fostes recebido Maçon?
- 1º Vig.: — Nem nú nem vestido, Ven.: Mestr.:. Despojaram-me de todos os metaes e vendaram-me os olhos, afim de que ficasse privado da vista.
- Ven.: — Que significa isso, meu Ir.:?
- 1º Vig.: — Varias são as significações, Ven.: Mestr.:. A privação dos metaes faz lembrar o homem, antes da civilisação, em seu estado natural, quando desconhecia as vaidades e o orgulho; e a obscuridade em que me achava immerso figurava o homem primitivo na ignorancia de todas as cousas.
- Ven.: — Quaes são as consequencias moraes que deduzis dessa allegoria?
- 1º Vig.: — A abdicação das vaidades profanas e a necessidade imprescindivel de instrucção, que é o alicerce da Moral Humana.
- Ven.: — Que fizeram para vos instruir, Ir.: 2º Vig.:?
- 2º Vig.: — Fizeram-me viajar do Occidente para o Oriente e do Oriente para o Occidente. A principio por um cami-

nho escabroso, semeado de difficuldades, cheio de obstaculos, em meio de ruidos e de trovejar atordoador; depois, por outra estrada menos difficil que a primeira, ouvindo o tilintar incessante de armas; finalmente, em uma terceira viagem, por um caminho plano e suave, envolto no maior silencio.

Ven.'. — Que significam os ruidos, as difficuldades e os obstaculos da primeira viagem?

2º Vig.'. — Physicamente, representam o *cháos* que se acredita ter precedido e acompanhado a organização dos mundos; moralmente, significam os primeiros annos do homem ou os primeiros tempos da sociedade, durante os quaes as paixões, ainda não dominadas pela razão e pelas leis, conduziam homem e sociedade aos excessos tão condemnaveis dos tempos remotos do feudalismo.

Ven.'. — Que significa o ruído de armas que ouvistes em vossa segunda viagem, Ir.'. 1º Vig.'.?

1º Vig.'. — Representa a idade da ambição: os combates que a sociedade é obrigada a sustentar antes de chegar ao estado de equilibrio; as lutas que o homem é obrigado a travar e vencer para se collocar dignamente entre os seus semelhantes.

Ven.'. — Porque encontrastes facilidade em vossa terceira viagem?

1º Vig.'. — Porque esta nos mostra o estado de paz e de tranquillidade resultante da ordem na sociedade e o da moderação das paixões no homem que attinge a idade da maturidade e da reflexão.

Ven.'. — Como terminou cada uma dessas viagens, Ir.'. 2º Vig.'.?

2º Vig.'. — O termino de cada viagem foi uma porta, onde bati.

Ven.'. — Onde se achavam situadas essas portas?

2º Vig.'. — A 1ª ao Sul; a 2ª no Occidente e a 3ª no Oriente.

Ven.'. — Que vos disseram quando batestes?

2º Vig.'. — Na primeira, mandaram-me passar; na segunda, fizeram-me purificar pela agua e na terceira fui purificado pelo fogo.

Ven.'. — Que significam essas purificações, meu Ir.'.?

2º Vig.'. — Que, para estar em condições de receber a luz da Verdade, torna-se necessario ao homem desvencilhar-se de todos os preconceitos sociaes ou de educação e entregar-se, com ardor, á procura da sabedoria.

Ven.'. — Que representam as tres portas em que batestes, Ir.'. 1º Vig.'.?

1º Vig.: — As tres disposições necessarias á procura da Verdade: Sinceridade, Coragem e Perseverança.

Ven.: — Que vos aconteceu, em seguida?

1º Vig.: — Ajudaram-me a dar tres passos num quadrilongo.

Ven.: — Para que, meu Ir.:?

1º Vig.: — Para fazer-me comprehender que o primeiro fructo do estudo é a experiencia e que esta é que torna o homem prudente.

Ven.: — O que vos deram, depois?

1º Vig.: — A Luz, Ven.: Mestr.:.

Ven.: — Que vistes, então, Ir.: 2º Vig.:?

1º Vig.: — Raios scintillantes feriram-me a vista; vi, então, que eram espadas, empunhadas por meus irmãos e apontadas para mim.

Ven.: — Sabeis o que significa isso, Ir.: 2º Vig.:?

2º Vig.: — Compreendi, depois, que essas espadas figuravam os raios de Luz da Verdade, que offuscam a vista intellectual daquelle que ainda não está preparado, por solida instrucção, a recebê-la.

Ven.: — Como vos ligastes á Ordem Maçonica?

2º Vig.: — Por um juramento e uma consagração.

Ven.: — Que promettestes?

2º Vig.: — Guardar fielmente os segredos que me fossem confiados; amar, proteger e socorrer a todos os meus Irmãos, sempre que disso tivessem justa necessidade.

Ven.: — Estais arrependido de terdes contrahido essa obrigação?

2º Vig.: — Absolutamente não, Ven.: Mestr.:, e estou prompto a renovar-o, si preciso fôr, perante esta Aug.: Assembléa.

Ven.: — Quaes são os indicios pelos quaes se reconhecem os Maçons, Ir.: 1º Vig.:?

1º Vig.: — Além dos actos e acções que praticam, revelando o influxo da moral ensinada em nossos Templos, elles se se reconhecem pelo s.:, pela p.: e pelo t.:.

Ven.: — Qual é o s.:?

1º Vig.: — (*Depois de fazer o s.:*) Eil-o. Ven.: Mestr.:.

Ven.: — Qual é a p.:, Ir.: 2º Vig.:?

2º Vig.: — Não sei lê-la nem pronuncial-a, Ven.: Mestr.:, por isso não vol-a p.: d.:s.:s.:.

Ven.: — (*Depois de regularmente dada a P.:*) Por que só se dá a P.: s.:?

2º Vig.: — Porque ella caracteriza o primeiro gráo de iniciação que é o emblema do homem ou da sociedade na phase da ignorancia, quando o estudo e as artes, por deficiencia

das faculdades intellectuaes, ainda não lhe são conhecidos. Assim o aprendiz recebe primeiro para dar depois.

Ven. — Dae ao Ir. Experto o t. para que elle m'o transmitta. (*Depois de executada a ordem*) Disseste-me que, quando fostes recebidos, estaveis nem nu' nem vestido. E agora estais vestido, Ir. 1º Vig.?

1º Vig. — Estou vestido com este avental (*mostra o avental*).

Ven. — Ir. 2º Vig., sois obrigado a trazer sempre, em Loja, esse avental?

2º Vig. — Sim, como todos os Iir., Ven. Mestr. . .

Ven. — Por que?

2º Vig. — Porque elle nos lembra que o homem nasceu para o trabalho e que todo o maçon deve trabalhar incessantemente para a descoberta da Verdade e para o aperfeiçoamento da Humanidade.

Ven. — Onde trabalhamos, meu Ir.?

2º Vig. — Em uma Loja.

Ven. — Como é construída nossa Loja?

2º Vig. — Com a figura de um quadrilongo, estendendo-se do Or. ao Occ., tendo a sua largura do Norte ao Sul e sua altura da Terra ao Céu e por profundidade da superficie ao centro da Terra.

Ven. — Como é coberta nossa Loja, Ir. 1º Vig.?

1º Vig. — Por uma abobada azul semeada de estrellas e de nuvens, na qual circulam o Sól, a Lua e innumerous outros astros que se conservam em equilibrio pela attracção de uns sobre outros.

Ven. — Quaes são os sustentaculos dessa abobada?

1º Vig. — Doze lindas CCol., Ven. Mestr. . .

Ven. — Que representam essas doze CCol., meu Ir.?

1º Vig. — Os doze signos do Zodiaco, isto é, as doze constellações que o Sól percorre no espaço de um anno solar.

Ven. — Ir. 2º Vig., nossa Loja não tem outros apoios?

2º Vig. — Sim, Ven. Mestr. . . Apoia-se, tambem, sobre tres fortes pilares.

Ven. — Quaes são elles?

2º Vig. — Sabedoria, Força e Belleza.

Ven. — Como são representados, em nossa Loja, esses attributos?

2º Vig. — Por tres grandes Luzes, Ven. Mestr. . .

Ven. — Onde estão collocadas essas Luzes?

2º Vig. — Uma ao Oriente, outra ao Occidente e a terceira ao Sul.

Ven. — O que se nota mais em nossa Loja, Ir. 1º Vig.?

1º Vig.: — Diversas figuras allegoricas, cuja significação me foi explicada pelo Ven.:. Mestr.:.

Ven.:. — Dizei, então, quaes são essas figuras.

1º Vig.:. — 1º, Um portico elevado sobre tres degrãos e ladeado por duas CCol.:. de bronze, sobre cujos capiteis descançam tres romãs abertas, mostrando-nos suas sementes;

2º — Uma Pedra Bruta;

3º — Uma Pedra trabalhada a que se dá o nome de Pedra Polida;

4º — Um esquadro, um compasso, um nivel e um prumo;

5º — Um malho e um cinzel;

6º — Um quadro, chamado Painei da Loja;

7º — Tres janellas abertas;

8º — Ao Or.:. da Loja, o Sól, e a Lua;

9º — O mosaico, cercado pela Orla Dentada.

Ven.:. — Que significa o Occ.:. em relação ao Or.:.?

1º Vig.:. — O Or.:. indica a direcção de onde provem a Luz e o Occ.:. a região para a qual ella se dirige. O Occ.:. representa, por conseguinte, o mundo visivel que os nossos sentidos alcançam e, de um modo geral, tudo que é *material*; o Or.:. symbolisa o mundo invisivel, tudo que é *abstracto*, isto é, o mundo *espiritual*.

Ven.:. — Que representam as duas CCol.:. de bronze?

2º Vig.:. — Marcam os dois pontos solsticiaes.

Ven.:. — Que significam as romãs, collocadas nos capiteis das CCol.:.?

2º Vig.:. — Mostram, por sua divisão interna, os bens produzidos pela influencia das estações; representam, tambem, as Lojas e todos os maçons espalhados pela superficie da Terra; e suas sementes, intimamente unidas, nos lembram a fraternidade e a união que deve haver entre os homens.

Ven.:. — Que quer dizer a Pedra Bruta, Ir.:. 1º Vig.:.?

1º Vig.:. — Representa o homem sem instrucção, com as suas asperezas de caracter, devidas á ignorancia em que se encontra e ás paixões que o dominam.

Ven.:. — E a Pedra Polida, meu Ir.:., que significa?

1º Vig.:. — O homem instruido que, dominando as paixões e abandonando os preconceitos, libertou-se das asperezas da Pedra Bruta, que poliu.

Ven.:. — Que vos recordam o esquadro, o compasso, o nivel e o prumo?

1º Vig.:. — Por serem instrumentos imprescindiveis ás construcções solidas e duraveis, elles nos recordam o papel de constructor social que compete a todos os Maçons e, ao

mesmo tempo, nos traçam as normas pelas quaes devemos pautar nossa conducta: o esquadro para a rectidão; o compasso, para a justa medida e o nivel e o prumo para a igualdade e a justiça que devemos aos nossos semelhantes.

Ven.'. — Que representam o malho e o cinzel, Ir.'. 2º Vig.'?'

2º Vig.'. — A intelligencia e a razão que tornam o homem capaz de discernir o Bem do Mal, o Justo do Injusto.

Ven.'. — Que significa a pr.'. de desenhos?

2º Vig.'. — A memoria, faculdade preciosa de que somos dotados para fazermos o nosso julgamento, conservando o traçado de todas as nossas percepções.

Ven.'. — Porque tem a Loja tres janellas, meu Ir.'?'

2º Vig.'. — Pela posição que occupam, indicam as principaes horas do dia: o nascer do Sól, o meio dia e o pôr do Sól.

Ven.'. — Por que o Sól e a Lua foram collocados em nossos Templos, Ir.'. Vig.'?'

1º Vig.'. — Porque sendo a Loja a imagem do universo, nella devem estar representados os esplendores da abobada celeste que mais ferem a imaginação do homem.

Ven.'. — É o mosaico, com a Orla Dentada, que significação têm?

1º Vig.'. — O mosaico representa a variedade do sólo terrestre; formado por pedras brancas e pretas, ligadas pelo mesmo cimento, symbolisa a união de todos os maçons, apesar das differenças de côr, de climas e de opiniões politicas ou religiosas. E' tambem a imagem do bem e do mal de que se acha semeada a estrada da vida. A Orla Dentada exprime a união que deverá existir entre todos os homens, quando o amor fraternal dominar a todos os corações.

Ven.'. — Que se faz em nossa Loja, meu Ir.'?'

1º Vig.'. — Levantam-se templos á Virtude e cavam-se masmorras ao vicio.

Ven.'. — Ir.'. 2º Vig.'. , em que espaço de tempo se executam os trabalhos dos aprendizes Maçons?

2º Vig.'. — Do meio dia á meia noite, Ven.'. Mestr.'..

Ven.'. — Que vindes fazer aqui?

2º Vig.'. — Vencer minhas paixões, submetter minha vontade e fazer novos progressos na Maçonaria.

Ven.'. — Que trazeis para vossa Loja, meu Ir.'?'

2º Vig.'. — Amor, Paz e Harmonia para a prosperidade de todos os Irmãos.

Ven.'. — Que idade tendes, Ir.'. 1º Vig.'?'

1º Vig.'. —

Ven.: — (!) Meus Ir.:, como o futuro depende do trabalho feito durante a juventude, trabalhae, para que vossa idade madura seja feliz e para que vossa passagem neste Mundo não seja esteril, quando voltardes ao seio da natureza, de onde sahistes.

Repousemos, meus Ir.:.

O 1º Vig.: deita a sua columna e o 2º Vig.: levanta a sua, até a hora em que o Ven.: reenctar os trabalhos.

TERCEIRA INSTRUCÇÃO

Ven.: — (!) Meus Ir.:, de accordo com os preceitos que nos regem, vamos proceder á terceira instrucção destinada especialmente ao Ir.: Aprendiz F.....; (*si não houver aprendiz*) destinada a recordar os nossos ensinamentos.

Ir.: 1º Vig.:, entre vós e mim existe alguma cousa?

1º Vig.: — Sim, Ven.: Mestr.:, um culto.

Ven.: — Que culto é esse?

1º Vig.: — Um segredo.

Ven.: — Que segredo é esse?

1º Vig.: — A Maçonaria.

Ven.: — Que é a Maçonaria?

1º Vig.: — Uma associação intima de homens escolhidos, cuja doutrina tem por base o G.: A.: D.: U.:, que é Deus; como regra, a Lei Natural; por causa, a verdade, a liberdade e a Luz moral; por principio, a egualdade, a fraternidade e a caridade; por fructos, a virtude, a sociabilidade e o progresso; por fim, a felicidade dos povos que ella procura incessantemente reunir sob sua bandeira de paz. A Maçonaria existe e existirá sempre onde houver o genero humano.

Ven.: — Sois Maçon, Ir.: 2º Vig.:?

2º Vig.: — M.: I.: C.: T.: M.: R.:

Ven.: — Quaes são os deveres do Maçon?

2º Vig.: — Honrar e venerar o Gr.: Arch.: dos Mundos, a quem agradece sempre as boas acções que praticar para com o proximo e os bens que lhe couber em partilha; tratar a todos os homens, sem distincção de classe e de raça, como seus iguaes e irmãos; combater a ambição, o orgulho, o erro e os preconceitos; lutar contra a ignorancia, a mentira, o fanatismo e a superstição, que são os flagellos causadores de todos os males que affligem a Humanidade e entravam seu progresso; praticar a justiça reciproca,

como verdadeira salvaguarda dos direitos e dos interesses de todos, e a tolerancia que deixa a cada um o direito de escolher e seguir a sua religião e as suas opiniões; deplorar os que erram, mas, esforçando-se para reconduzil-os ao verdadeiro caminho; enfim ir, com todas as suas forças, em socorro do infortunio e da afflicção. O Maçon cumprirá todos esses deveres porque tem a Fé que lhe dá a coragem e o conduz ao progresso; a perseverança que vence os obstaculos; o devotamento que o leva a fazer o bem, mesmo com risco de sua vida e sem esperar outra recompensa a não ser a tranquillidade de consciencia.

Ven.º — Como podereis vos fazer reconhecer Maçon?

2º Vig.º — Por meus s.º, t.º e p.º.

Ven.º — Como fazeis o s.º, Ir.º M.º de CC.º?

M.º de CC.º — (*levantando-se*) Pelo esquadro, nivel e perpendicular. (*faz o s.º*)

Ven.º — Que significa este s.º?

M.º de CC.º — A honra de saber guardar o segredo, preferindo ter a g.º c.º a revelar nossos mysterios. Significa, tambem, que o braço direito, symbolo de minha força, está concentrado e immovel á disposição da Ordem, somente sahindo da immobilidade quando assim ordenar o Ven.º Mestr.º. Finalmente os pp.º em esquadria, representando o cruzamento de duas perpendiculares, unico caso em que formam quatro angulos *iguales e rectos*, significam a *rectidão* do caminho que tenho de seguir, bem como que a *igualdade* é um dos principios fundamentaes da nossa Ordem. (*saúda e senta-se*)

Ven.º — Ir.º 2º Diac.º, dae o t.º ao Ir.º 1º Vig.º.

1º Vig.º — (*depois de recebido o t.º*) Está exacto, Ven.º Mestr.º.

Ven.º — Dae-me a p.º, Ir.º 1º Diac.º.

1º Diac.º — (*levantando-se e á ordem*).....

Ven.º — Que significa esta p.º?

1º Diac.º — Belleza e, tambem, Força, Apoio. (*saúda e senta-se*)

Ven.º — Por que o Aprendiz-Maçon não tem p.º de p.º, Ir.º G.º do Temp.º?

G.º do Temp.º — (*levantando-se e á ordem*) Porque conservamos a tradição do antigo Egypto, onde o iniciado ficava durante tres annos sem se communicar com o mundo profano e, caso deixasse o templo, a elle jámais voltaria. Dahi ser desnecessaria tal p.º.

Ven.º — Porque quizestes vos tornar Maçon?

- G.: do Temp.: — Porque sendo livre e de bons costumes, e estando nas trevas, ambicionava a Luz.
- Ven.: — Quem vos trouxe á Loja?
- G.: do Temp.: — Um amigo, que depois reconheci como irmão. (*saúda e senta-se*)
- Ven.: — Como estaveis preparado, Ir.: Secr.:?
- Secr.: — (*levantando-se e á ordem*) Nem nú, nem vestido; despojaram-me de todos os metaes, emblemas dos vicios, para lembrar-me do estado primitivo da humanidade antes da época de sua civilisação.
- Ven.: — Onde fostes recebido?
- Secr.: — Em uma Loja justa, perfeita e regular.
- Ven.: — Que é preciso para que uma loja seja justa e perfeita?
- Secr.: — Que tres a governem, cinco a componham e sete a completem.
- Ven.: — Que é uma Loja regular?
- Secr.: — E' a que, sendo justa e perfeita, obedece a uma Potencia Maçonica regular e pratica rigorosamente todos os principios basicos da Maçonaria Universal. (*saúda e senta-se*)
- Ven.: — Como fostes recebido, Ir.: Orador?
- Orad.: — (*levantando-se e á ordem*) Por tres pancadas cuja significação é: Batei e sereis attendido; pedi e recebereis; procurae e encontrareis.
- Ven.: — Que vos fizeram praticar?
- Orad.: — Depois de collocado entre as columnas dos Ir.: VVig.:, fizeram-se praticar tres viagens para que me lembrasse das difficuldades e das attribuições da vida; purificaram-me pelos elementos e, depois, fui conduzido ao Altar, onde fizeram-me ajoelhar; o j.: d.: nu' por terra, a m.: d.: sobre o L.: da L.: e na e.: um c.: aberto cujas pontas se apoiavam em meu peito esquerdo que estava nú. Nessa posição prestei meu juramento de guardar os segredos da Ordem (*saúda e senta-se*)
- Ven.: — Que vistes ao entrar em Loja, Ir.: Thes.:?
- Thes.: — (*levantando-se e á ordem*) Nada, Ven.: Mestr.:, pois, uma espessa venda cobria meus olhos.
- Ven.: — Que vistes quando vos concederam a Luz?
- Thes.: — Achava-me no Occidente, entre columnas; então, vi o pavimento mosaico e o Livro da Lei sobre o Altar (*saúda e senta-se*)
- Ven.: — Podeis explicar-me, Irm.: 1º Vig.:, a interpretação de tudo que ouvistes fallar?

1º Vig. — A *venda sobre os olhos* significa as trevas e os preconceitos do mundo profano e a necessidade que têm os homens de procurar a luz entre os iniciados. O *p. d.*, *calçado com alpercata* era para manifestar o respeito por este lugar sagrado. O *b. d.* e o *p. e.* desnudos exprimiam que eu dava meu braço á instituição e meu coração a meus irmãos. As pontas do *c.* sobre o peito lembravam-me a minha vida profana, na qual nem meus sentimentos nem meus desejos foram regulados por esse symbolo da exactidão, que desde então regula meus pensamentos e minhas acções. O *c.* symbolisa as relações do Maçon com seus irmãos e com os demais entes; fixada uma de suas pontas, póde, pelo maior ou menor afastamento das pernas, descrever circulos sem conta, imagens de nossa Loja e da Maçonaria cujo extenso dominio é infinito. Os *tres p.* formando cada um e a cada junção dos pés um angulo recto, significam que a rectidão é necessaria ao que deseja vencer na sciencia e na virtude. As *tres viagens* symbolisam a conquista de novos conhecimentos. O numero tres indica os centros Persia, Phenicia e Egypto, onde foram primitivamente cultivadas as sciencias. As *purificações*, que foram feitas no decurso dessas viagens, lembraram-me que o homem não é bastante puro para chegar ao templo da philosophia. A idade do aprendiz é de *t. a.* porque, na antiguidade, esse era o tempo necessario ao seu preparo; a idade significa tambem o gráo maçonico. A *pedra bruta* é o emblema do aprendiz, do que se encontra no estado imperfeito de sua natureza. As *duas CCol.* são tidas como de 18 covados de altura, 12 de circumferencia, 12 de base e 5 nos capiteis, num total de 47, numero igual ao das constellações e dos signos do zodiaco ou do mundo celeste. Suas dimensões estão contra todas as regras de architectura, para nos mostrar que a sabedoria e o poder do divino Arch. estão além das dimensões e dos julgamentos dos homens. Ellas são de bronze para resistirem ao diluvio, isto é, á barbaria, sendo o bronze o emblema da eterna estabilidade das leis da natureza, base da doutrina Maçonica. São ocas para guardar os utensilios apropriados aos conhecimentos humanos e, emfim, as romãs, são symbolo equivalente ao feixe de Esopo: milhares de sementes contidas no mesmo fruto, num mesmo germen, numa mesma substancia, num mesmo asylo, imagem do povo maçonico, que, por mais multiplicado que seja, constitue uma e mesma familia. Assim a romã é o emblema da harmonia social, porque só com as

sementes apoiadas uma ás outras é que o fructo toma a sua verdadeira forma.

O *pavimento mosaico*, emblema da variedade do sólo, formado de pedras brancas e pretas, unidas pelo mesmo cimento, symbolisa a união de todos os maçons do globo, apesar da differença de cores, de clima e de opiniões politicas e religiosas; são a imagem do Bem e do Mal de que está cheio o caminho da vida.

A *Espada flammigera*, arma symbolica, significa que a insubordinação, o vicio e o crime devem ser repellidos de nossos Templos e que a Justiça de Salomão, Justiça Maçonica, é prompta e rapida como os raios que despede a espada, emblema, tambem, da justiça e da nobreza dos sentimentos.

O *Esquadro*, suspenso ao colar do Ven.°. Mestr.°, significa que um chefe deve ter unicamente um sentimento — o dos estatutos da Ordem — e que deve agir de uma unica forma: com rectidão.

O *Nível*, que decora o 1º Vig.°, symbolisa a igualdade social, base do direito natural.

O *Prumo*, trazido pelo 2º Vig.°, significa que o maçon deve ser recto no julgamento sem se deixar dominar pelo interesse nem pela affeição.

O nível sem o prumo nada vale, do mesmo modo que este sem aquelle, em qualquer construcção. Por isso os dois se completam para mostrar que o maçon tem o culto da igualdade, nivelando todos os homens, cultuando a rectidão, não se deixando pender, pela amisade ou pelo interesse, para qualquer dos lados.

Ven.°. — Por que os Aprendizizes trabalham do meio dia á meia noite, Ir.°. 2º Vig.°?

2º Vig.°. — E' uma homenagem a um dos primeiros instituidores dos mysterios, Zoroastro, que reunia secretamente seus discipulos ao meio dia e terminava seus trabalhos á meia noite, por um agape fraternal.

Terminada a Instrucção, os trabalho seguem conforme a ordem estabelecida.

QUARTA INSTRUCÇÃO

Ven.°. — Que forma tem a nossa Loja, Ir.°. 1º Vig.°?

1º Vig.°. — A de um quadrilongo.

Ven.°. — Qual a sua altura?

1º Vig.°. — Da terra ao ceu.

- Ven.°. — Qual o seu comprimento?
1º Vig.°. — Do Oriente ao Occidente.
Ven.°. — E a sua largura?
1º Vig.°. — Do Norte ao Sul.
Ven.°. — Qual a sua profundidade?
1º Vig.°. — Da superfície ao centro da Terra.
Ven.°. — Por que, meu Ir.°.?
1º Vig.°. — Porque a Maçonaria é universal e o universo é uma immensa officina.
Ven.°. — Por que razão está nossa Loja situada do Oriente para o Occidente, Ir.°. 2º Vig.°.?
2º Vig.°. — Porque, assim como a luz do Sol vem do Oriente para o Occidente, as luzes do evangelho da civilização vieram do Oriente, espalhando-se depois pelo Occidente.
Ven.°. — Em que base se apoia a nossa Loja?
2º Vig.°. — Em tres grandes Columnas: Sabedoria, Força e Belleza.
Ven.°. — Quem representa o pilar da Sabedoria?
2º Vig.°. — O veneravel Mestre, no Oriente.
Ven.°. — E os da Força e da Belleza, quem os representa?
2º Vig.°. — O 1º Vig.°, no Occidente, o da Força; e o 2º Vig.°, no Sul, o da Belleza.
Ven.°. — Por que o Veneravel representa o pilar da sabedoria?
2º Vig.°. — Porque dirige os obreiros que compõem a Ordem.
Ven.°. — Por que representais o pilar da Força, Ir.°. 1º Vig.°.?
1º Vig.°. — Porque pago aos obreiros o salario que é a força e a manutenção da existencia.
Ven.°. — E o 2º Vig.°, por que é o da Belleza?
1º Vig.°. — Porque faz repousar os obreiros, fiscalizando-os no trabalho.
Ven.°. — Por que a Loja é sustentada por tres columnas?
1º Vig.°. — Porque a Sabedoria, a Força e a Belleza são o complemento de tudo; sem ellas nada é perfeito e duravel.
Ven.°. — Por que, meu Ir.°.?
1º Vig.°. — Porque a Sabedoria cria, a Força sustenta e a Belleza adorna.
Ven.°. — Por que a Maçonaria combate a ignorancia em todas as suas formas?
1º Vig.°. — Porque a ignorancia é mãe de todos os vicios e seu principio é *nada saber, saber mal o que sabe e saber cousas outras além do que deve saber*. Assim, o ignorante não póde se medir com o sabio cujos principios são a tolerancia, o amor fraternal e o respeito a si mesmo. Eis porque os ignorantes são grosseiros, irasciveis e perigosos: perturbam e desmoralisam a sociedade, evitando que os

homens conheçam seus direitos e saibam, no cumprimento de seus deveres, que, mesmo com Constituições liberaes, um povo ignorante é escravo. São os inimigos do progresso que, para melhor dominar, afugentam as luzes, intensificam as trevas e permanecem em constante combate contra a verdade, contra o Bem e contra a perfeição.

Ven.'. — E porque combatemos o fanatismo, Ir.'. 2º Vig.'.?

2º Vig.'. — Porque é a exaltação religiosa que perverte a razão e conduz os insensatos a, em nome de Deus e para honral-o, praticarem acções condemnaveis. E' um afastamento da moral, uma molestia mental, desgraçadamente contagiosa, que, implantada em um paiz, toma os fóros de principio, em cujo nome, nos execráveis *autos de fé*, fizeram perecer milhares de individuos uteis á sociedade. A superstição é um culto falso, mal comprehendido, repleto de mentiras, contrario á razão e ás sãs idéas que se deve fazer de Deus; é a religião dos ignorantes, das almas timoratas. Fanatismo e superstição são os maiores inimigos da religião e da felicidade dos povos.

Ven.'. — Para nos fortalecermos nos combates, que devemos manter contra esses inimigos, qual o laço sagrado que nos une?

2º Vig.'. — A solidariedade, Ven.'. Mestr.'..

Ven.'. — Será por isso que commumente se diz que a Maçonaria proporciona a seus adeptos vantagens moraes e materiaes?

2º Vig.'. — Essa affirmação não corresponde á verdade. O proveito material, como interesse unicamente individual, não entra nas cogitações dos verdadeiros maçons e as vantagens moraes resumem-se no adquirir a firmeza de character como consequencia natural da nitida comprehensão dos deveres sociaes e dos altos ideaes da Ordem.

Ven.'. — Como podeis fazer tal affirmação, si todos dizem que a solidariedade maçonica consiste no amparo incondicional de uns a outros maçons, quaesquer que sejam as circumstancias?

2º Vig.'. — E' a mais funesta interpretação que se tem dado a esse sentimento nobre que fortalece os laços da fraternidade maçonica. O amparo moral e material, que, individual e collectivamente, devemos aos nossos irmãos, não vae até o dever de proteger aos que, conhecedores de suas responsabilidades sociaes, se desviam do caminho da moral e da honra.

Ven.'. — Que solidariedade, então, é a que deve existir entre nós, Ir.'. 1º Vig.'.?

1º Vig.: — E' a solidariedade mais pura e fraternal, mas sómente para com os que praticam o bem e soffrem os espinhos da vida; para os que, nos trabalhos licitos e honrados, são infelizes; para os que, embora rodeados da fortuna, sentem n'alma os amargores das desgraças; emfim, a solidariedade maçónica está onde estiver uma causa justa.

Ven.: — Não jurastes, então, defender e soccorrer vossos irmãos?

1º Vig.: — Jurei sim, Ven.: Mestr.:, e, sempre que posso, correspondo a esse juramento. Quando, porém, um irmão, esquecido dos principios e dos ensinamentos maçonicos, se desvia da moral que nos fortifica para se tornar máo cidadão, máo esposo, máo pae, máo filho, máo irmão, máo amigo, quando, cégô pela ambição ou pelo odio, pratica actos que consideramos indignos de um Maçon, elle, e não nós, rompeu a solidariedade que nos unia e que não mais poderá existir porque, si assim a praticassemos, seria pactuarmos com acções de que a simples connivencia moral nos degradaria, por isso que o maçon, que assim procede, deixou de ser irmão, perdeu todos os direitos ao nosso auxilio material e, principalmente, ao nosso amparo moral.

Ven.: — Não deveis, porém, dar preferencia, na vida publica, a um irmão da Ordem sobre um profano?

1º Vig.: — Em igualdade de circumstancias, é meu dever preferir um irmão, sempre que para fazel-o não cometta uma injustiça que fira a minha consciencia. Os ensinamentos de nossa Ordem nos obrigam a proteger um irmão em tudo que for justo e honesto. Não será justo nem honesto proteger o menos digno, mesmo que seja irmão, preterindo os sagrados direitos do merito e do valor moral e intellectual.

Ven.: — Então, systematicamente, não favoreceis a um irmão?

1º Vng.: — Sem outras razões, não. A nossa Ordem nos ensina a amar a Patria, e, portanto, a sermos bons cidadãos. Não o seriamos nem nos poderíamos julgar merecedores desse nobre titulo e da confiança de nossos irmãos, si, ao bem publico, antepuzessemos os interesses de uma pessoa menos apta ou menos digna de trabalhar pelos interesses da sociedade e da Patria.

Ven.: — Como, então, a voz publica accusa os maçons de progredirem no mundo profano graças ao nosso systema de reciproca protecção?

1º Vig.: — São affirmações dos que, não conhecendo a razão das cousas, julgam incondicional a nossa solidariedade. Si ha Maçons que galgam posições elevadas e de grandes responsabilidades sociaes, a razão evidentemente se occulta

no seguinte: a nossa Ordem não acolhe profano sem antes examinar a sua intelligência, o seu character e a sua pfoibidade. Dahi é natural que de nossa Ordem, cuidadosamente seleccionada, surjam cidadãos que se destaquem por suas qualidades pessoaes, tornando-se, assim, dignos de serem aproveitados na conquista do progresso e da felicidade do povo.

Ven.'. — Concluis, então, que em nossa Ordem não haja des-honestos?

1º Vig.'. — Nada é perfeito, ainda, no mundo. Não deixo de reconhecer que, muitas vezes, temos nos enganado na escolha de alguns elementos, apesar do rigor de nossas syndicancias. Assim, infelizmente, maus elementos, com o unico fito de tirar proveito pessoal de nossa associação, se têm infiltrado em seu seio. Alguns, pela natural influencia da vida e da pratica maçonica, regeneram-se e transformam-se em bons e proveitosos obreiros. Para os que são insensíveis á acção de nossa moral e de nossos principios, a nossa Lei nos fornece meios seguros e promptos de separarmos o joio do trigo, o que devemos fazer sem temor nem vacillação. Só assim fortificaremos nossas columnas pela exclusão dos elementos refractarios aos ensinamentos austeros e elevados dos principios maçonicos.

Ven.'. — Em que consiste, então, a nossa fraternidade?

1º Vig.'. — Em educarmo-nos, instruírmo-nos, corrigindo os nossos defeitos e sendo tolerantes para com as crenças religiosas e politicas de cada um. A nossa fraternidade nos ensina a dar e não a pedir, sem justa necessidade.

Ven.'. — Sob o influxo dessas doutrinas, continuemos, meus irmãos, os nossos trabalhos para maior gloria, honra e esplendor de nossa Ordem.

Os trabalhos proseguem do ponto em que foram suspensos.

QUINTA INSTRUCÇÃO

A SYMBOLOGIA DOS NUMEROS

Gráo de Aprendiz: 1 — 2 — 3 — 4

Ven.'. — Meus Iir.', vamos dar a ultima instrucção do gráo de aprendiz. Depois de conhecido o Painei da Loja, isto é, a forma por que deve proceder para galgar os degrãos

da escada que ha de, futuramente, transportal-o do plano physico ao plano espirital, o aprendiz recebeu tres outras instrucções, que lhe puzeram ao corrente dos symbolos e emblemas, concernentes ao seu gráo.

Nesta quinta instrucção, completará os conhecimentos de que necessita para caminhar avante na trilha que encetou, ficando de posse do conhecimento da symbolologia dos quatro primeiros numeros: 1 - 2 - 3 - 4, pelo qual verá como esses numeros, além do seu valôr intrinseco, representam verdades mysteriosas e profundas, ligadas intimamente á propria symbolologia das allegorias e emblemas que, todas as vezes que elle penetra nos Templos Maçonicos, se patenteiam á sua vista.

Tendes a palavra, Ir.'. Orador.

Orador — De certo já tendes reparado, meus Ir.', na coincidência que apresentam a *bateria*, a *marcha* e a *idade* do aprendiz-maçon.

Todas encerram o numero *tres*:

Tres pancadas, para a bateria;

Tres passos, para a marcha; e

Tres annos, para a idade.

Como vêdes, o numero *tres* é primordial no gráo de aprendiz e, si este quizer *realmente* estar em condições de passar a companheiro, deve estudar cuidadosamente as propriedades desse numero, seja nas obras dos pythagoricos, seja na Kabbala numerica, seja ainda nas obras de architectura e archeologia iniciaticas, de Vitruvio, Ramee, etc.

E' de toda a conveniencia que o maçon "especulativo" não se desinteresse dessa parte do Ensino Iniciatico, sobretudo se elle tiver o legitimo desejo de comprehender qualquer cousa da Arthitectura da Idade Media e da Antiguidade e, em geral, das grandes obras concebidas e executadas pelas *Ordens de Companheiros-Constructores*.

O emprego dos numeros, sobretudo de *alguns numeros*, em todos os monumentos conhecidos, é muito frequente, para que se creia que só o acaso os tenha produzido.

E, nisso, a Historia vem em nosso auxilio.

Todos os povos da Antiguidade fizeram um uso, todo emblematico, todo symbolico, dos numeros e das formas e, em geral, do numero e da medida.

A obra moderna do sabio astronomo francez, o Abba-de Moreux, "*Sciencia Mysteriosa dos Pharãos*", nol-o constata de um modo absoluto, provando á evidencia que

as dimensões, orientação e fôrma das Pyramides, obedeceram a razões poderosissimas, pois que ellas encerram, além de outras verdades (provavelmente ainda não encontradas), a direcção do Meridiano Terrestre, o valor entre a circumferencia e seu raio, a medida de peso racional (a libra ingleza), etc., e até a distancia approximada da Terra ao Sol.

Todos os povos da Antiguidade tiveram um systema numerico, ligado intimamente á sua religião e ao seu culto. E este facto é o resultado da idéa que então se fazia do mundo, idéa segundo a qual a materia é *inseparavel* do espirito, do qual exprime a *imagem* e a *revelação*.

Emquanto a materia fôr necessariamente a fôrma e a dimensão, emquanto o mundo fôr uma somma de dimensões, existirá o numero, e cada cousa terá seu numero, do mesmo modo que sua fôrma e dimensões.

Ha numeros, entretanto, que parecem predominar na estructura do mundo, no tempo e no espaço e que formam, mais ou menos, a base fundamental de todos os phenomenos da natureza.

Esses numeros foram sempre tidos como *sagrados*, pelos antigos, como representando a expressão da *ordem* e da *intelligencia* das cousas, como exprimindo, mesmo, a propria divindade.

Com effeito, se suppuzermos que as coisas materiaes são apenas um envolucro que cobre o *invisivel*, o *immaterial*, se as considerarmos sómente como symbolos dessa *immaterialidade*, com mais forte razão os numeros, concepção puramente abstracta, poderão ser considerados sagrados, pois que elles representam, até certo ponto, a expressão mais immediata das Leis Divinas (que são as Leis Naturaes), comprehendidas e estudadas neste Mundo.

Vê-se, pois, que os numeros se prestam facilmente a tornarem-se symbolos, figuras das idéas simples e de suas relações; e toda a doutrina das relações moraes e de ligação indestructivel com o mundo material, isto é, a philosophia, foi sempre exposta por um systema numerico e representada por numeros.

A China, a India, a Grecia (mesmo antes de Pythagoras) conheceram e empregaram a "Sciencia dos Numeros" e seu symbolismo é, em grande parte, baseado nessa sciencia.

O NUMERO UM

O numero *um*, a unidade, é o principio dos numeros, mas a unidade só existe pelos outros numeros. Todos os systemas religiosos orientaes começaram por um *ser primitivo*. . . ; e, comquanto esta abstracção não tenha positivamente uma existencia real, tem contudo um lado positivo, que a torna susceptivel de uma existencia definida: é o que os antigos denominavam *Pothos*, isto é — o desejo ou acção de sahir do *absoluto*, afim de entrar no *real* — (para nós quer dizer: *concreto*).

Nos systemas pantheistas, nos quaes a divindade é confundida, como unidade, com o *todo*, ella tem o nome de *unidade*.

A unidade não é comprehendida senão por effeito do numero *dois*; sem este, ella se torna identica ao *todo*, isto é, se identifica com o proprio numero.

A natureza do numero *dois*, em sua relação com a unidade, representa a divisão, a differença.

O NUMERO DOIS

O numero *dois* é o numero terrível, o numero fatidico.

E' o symbolo dos contrarios, e, por consequencia, da duvida, do disequilibrio e da contradicção.

Para mostrar isso, tomemos o exemplo concreto de uma das *sete sciencias* maçonicas: — A Arithmetica.

$$2 + 2 = 2 \times 2$$

Até na mathematica, o numero *dois* produz confusão, pois ao vermos o numero 4 (que mais adiante estudaremos) ficamos na *duvida*, se é o resultado da combinação de *dois* numeros *dois*, pela somma ou pela multiplicação, o que não se dá, em absoluto, com outro qualquer numero.

Elle representa — o Bem e o Mal —, a Verdade e a Falsidade —, a Luz e as Trévas —, a Inercia e o Movimento —, emfim, todos os principios antagonicos, adversos.

Por isso, representava, na antiguidade, "o Inimigo", symbolo da *Duvida*, quando nos assalta o espirito.

O Aprendiz não se deve aprofundar no estudo deste numero porque, fraco ainda de cabedal scientifico das nossas tradições, pode enveredar pelo caminho opposto ao que deveria seguir.

Esta é ainda uma das razões, pela qual o aprendiz é guiado nos seus trabalhos iniciáticos: — a sua passagem pelo numero — 2 — que, duvidoso, traçoeiro, fatidico, pode arrastal-o ao *abysmo da duvida*, do qual só sahirá se o forem buscar.

O NUMERO TRES

A differença, o desequilibrio, o antagonismo que existem no numero *dois*, cessam, repentinamente, quando se lhe ajunta uma *terceira unidade*. A instabilidade da divisão ou da differença, aniquilada pelo acrescimo de uma terceira unidade, faz com que, simbolicamente, o numero tres se converta, tambem, numa unidade.

Porém a nova unidade não é mais uma unidade vaga, indeterminada, na qual não houve intervenção alguma; não é mais uma unidade identica com o proprio numero, como acontece com a unidade primitiva; é uma unidade na qual se interveio, e que absorveu e eliminou a unidade primitiva, verdadeira, definida e perfeita. Foi assim que se formou o numero tres. Elle se tornou a unidade da Vida, do que existe por si proprio, do que é perfeito.

Eis ahí porque o neophyto vê, no Or., o Delta Sagrado, luminoso, emblema do "Ser" ou da "Vida", no seio do qual brilha ainda a letra IOD, inicial do Tetragramma IEEVE.

Ramée assim explica:

"O *Triangulo*, entre as superficies, é a fórmula que corresponde ao numero *tres*, e tem a mesma significação deste. Assim como o numero tres é o primeiro numero *completo*, da série numerica, do mesmo modo o triangulo o é entre todas as formas. Porque o ponto e a linha, por si sós, são cousas imperfeitas e são necessarias tres dimensões para que um objecto tenha fórmula, esteja completo.

O triangulo, comquanto composto de 3 linhas e 3 angulos, forma um todo completo e indivisivel.

Todos os outros polygonos se subdividem em triangulos e são compostos de triangulos. Estes são, pois, o typo primitivo que serve de base á construcção de todas as outras superficies, e é por esta razão ainda que a figura do triangulo é o simbolo da existencia da divindade, bem como da sua "*potencia productiva*" ou da Evolução.

Quando o novo iniciado abre os olhos á Luz da Verdade, elle nada encontra, no Templo, que se relacione,

symbolicamente, com o numero *um*; isto é natural, porque, para facilitar o estudo dos numeros, a Maçonaria faz uso de emblemas, para attrahir a attenção sobre as suas propriedades essenciaes.

E assim deve ser, porque nada do que é *sensível*, pode ser admittido a representar a Unidade. Com effeito, nós só percebemos fóra e em volta de nós *diversidade* e *multiblicidade*. Nada é simples na Natureza, tudo é complexo. No entretanto, si a Unidade não nos apparece naquillo que nos é exterior, parece, pelo contrario, residir no nosso intimo.

Todo o ser pensante tem a convicção, o sentimento innato de que é *um*.

Esta unidade, que está em nós, se manifesta por sua vez na nossa maneira de pensar, agir e sentir.

Nossas idéas, levadas ao pensamento de um *todo harmonico*, fazem nascer em nós a noção do "Verdadeiro". E, sem duvida, este é o talisman mais precioso que pode possuir o iniciado, quando condensa o seu Ideal no *Justo*, no *Bello* e no *Verdadeiro*, symbolisados no candelabro de 3 luzes que elle vê sobre o Altar do Veneravel, ideal que é o polo unico para o qual tendem todas as aspirações humanas.

Como Ramée, O. Wirth diz que o binario é o symbolo dos contrarios, da divisão e recommenda que não deve o neophyto estacionar no numero *dois*, pois que se condemnaria á luta esteril, á opposição cega, á contradicção systematica, etc.; ficaria o neophyto, em summa, escravo desse principio de divisão que a Antiguidade symbolisou e estigmatizou sob o nome de "Inimigo" (Agramaniu, Cheitan, Satan, Mara, etc.).

Foi então necessario proceder á conciliação dos antagonismos, "*condensando no Ternario o Binario e a Unidade*."

Tres, é o numero da *Luz* (Fogo, Chamma e Calor).

Tres são os pontos que o neophyto deve se orgulhar de appôr ao seu nome, em que peze aos nossos adversarios ignorantes, quando pensam nos ridicularisar com o epitheto de — *Irmão tres pontinhos!*

Estes tres pontos, como o Delta Luminoso e Sagrado, são um dos nossos emblemas mais respeitaveis.

Elles representam todos os ternarios conhecidos (dos quaes fallaremos mais adeante) e especialmente as tres qualidades indispensaveis ao Maçon:

Vontade

*

Amor
ou
Sabedoria

*

* Intelligencia

Estas qualidades são *absolutamente* inseparáveis uma da outra e devem existir, em equilíbrio perfeito, no candidato á Iniciação, para que elle possa ter uma Iniciação real, *vivida* e não emblematica.

Senão vejamos:

Experimentemos, por um momento, separar estas qualidades uma da outra e veremos, sempre, que ellas caracterisarão o desequilíbrio.

Supponhamos um ser dotado unicamente de *vontade*, de energia, porém sem o menor sentimento affectuoso e desprovido de intellectualidade. Que resultará?

Um verdadeiro bruto.

Dotemos agora alguém de Intelligencia e arranquemos-lhe a Vontade e a Sabedoria, que é a expressão do Amôr; teremos o peor dos egoistas e dos inuteis, um terreno onde a "bôa semente" não germinará e que as hervas damninhas em breve inutilisarão.

Demos, finalmente, ao homem unicamente o Amôr (Sabedoria), sem sombra de Vontade ou de Intelligencia.

Sua bondade será inutil, suas melhores aspirações serão condemnadas á esterilidade, porque não são postas em acção por uma Vontade forte agindo sob o controle da Razão.

Tomemos agora, por pares, essas virtudes:

Dotemos, ao mesmo tempo, uma creatura de Vontade e de Intelligencia, mas tiremos todo o sentimento affectuoso em relação aos seus semelhantes. Esse homem poderá ser um genio, mas será também, muito provavelmente, um monstro de egoismo e, como tal, condemnado a desaparecer.

Supponhamos, agora, um ser dotado de Coração e de Intelligencia, mas sem vontade, sem energia. Tere-mos uma creatura molle, de character passivo, que certamente não fará mal a ninguem, que terá mesmo bellas aspirações, um Ideal elevado, mas nunca chegará a realisá-lo, por falta de energia. Em summa: um inutil.

A Energia unida ao Amor daria melhor resultado, porém a falta de Intelligencia impedirá sempre o ser *bom*

e *activo*, de fazer obra *verdadeiramente* util, porque o *discernimento*, função da Intelligencia, lhe faltarã. E elle não poderá applicar suas bellas qualidades, correndo mesmo o perigo, sob a direcção de um mão intellecto, de tornar-se um servidor das forças do Mal, por falta de discernimento.

Vêde, pois, meus Hr.º., que todo o Maçon que quizer ser digno desse nome deve cultivar *igualmente* essas três qualidades, representadas pelos tres pontos (∴) que appõe ao seu nome, quaes as tres estrellas que brilham ao Or.º. da Loja.

O *ternario* pode, ainda, ser estudado sob multiplos pontos de vista, dos quaes citaremos apenas os principaes, que são:

Do tempo:

Passado — Presente — Futuro.

Do movimento diurno do Sol:

Nascer — Zenith — Occaso.

Da vida:

Nascimento — Existencia — Morte.

Mocidade — Madureza — Velhice.

Da familia:

Pae — Mãe — Filho.

Da constituição occulta do Ser:

Espirito — Alma — Corpo.

Do Hermetismo:

Archêo — Azoth — Hylo.

Da Gnose:

Principio — Verbo — Substancia.

Da Kabbala Hebraica, da qual são tiradas as pp.º. ss.º. e de p.º. da Maçonaria:

Keter (Corôa) — Hockma (Sabedoria) — Binah (Intelligencia).

Da Trindade Christã:

Pae — Filho — Espirito-Santo.

Da Trimurti hindu'º:

Brahma — Vishnu — Siva.

Sat — Chit — Ananda.

Ainda na India, dos "Tres Gounas"; ou qualidades inherentes á Substancia Eterna (Maia):

Tamas (Inercia) — Rajas (Movimento) — Sattva (Harmonia).

Do Buddhismo:

Buddha (Illuminado) — Dharma (Lei) — Sanga (Assembléa dos fieis).

Do Egypto:

Osiris — Isis — Horus.

Ammon — Mouth — Khons.

Ainda no Egypto, do Sol:

Horus (Nascer) — Ra (Zenith) — Osiris (Occaso).

Da Chaldéa:

Ulomus (Luz) — Olusurus (Fogo) — Eliun (Chamma).

E ainda muitos outros ternarios, cuja explicação se afastaria dos moldes desta instrucção.

Em toda a parte se encontra, pois, o numero tres, o *Ternario*, do qual o Delta Sagrado é o mais luminoso e, talvez, o mais puro emblema e, nas Lojas Maçonicas, ainda é symbolisado pelos *tres* grandes Pilares:

SABEDORIA

FORÇA

BELLEZA

que representam as Tres Grandes Luzes collocadas sobre o Pannel da Loja, a primeira no Oriente, a segunda no Occidente e a terceira no Sul, de accôrdo com a orientação das “Tres Portas” do Templo de Salomão.

O NUMERO QUATRO

No centro do Delta Sagrado está collocada a letra IOD, inicial do Tetragamma (4 letras) IEVE, symbolo da Grande Evolução ou — “do que foi” — “do que é” — “do que será”.

O Tetragamma IOD — HE — VAU — HE, apesar de se compôr de 4 letras, tem sómente 3 differentes (IOD — HE — VAU), para symbolisar as tres dimensões dos corpos: comprimento, largura e altura ou profundidade.

A letra VAU, cujo valor numerico é 6, indica as 6 faces dos corpos.

O Tetragamma, com as suas 4 letras, tem affinidade com a Unidade, pois 4 e 1 são *quadrados perfectos*, porém só tem 3 letras differentes para indicar que, a partir de 3, os numeros entram numa nova phase.

Finalmente, o Tetragamma lembra ao Aprendiz que elle passou pelas quatro provas dos Elementos: — Terra

— Ar — Agua — Fogo — Collocado a Nordeste da Loja, elle vae recommear estas 4 provas, no caminho para o 2º gráo; porém, desta vez, tendo recebido a *Luz* e *podendo caminhar só*, no Templo — embora ajudado pelos conselhos fraternaes de seus Iir.º e pela experiencia dos seus Instructores. Emfim, *responsavel por si mesmo*. seus pensamentos, suas palavras e seus actos devem sempre demonstrar que tem consciencia do Juramento que prestou ao ter ingresso no Templo do Ideal, cujo serviço accitou livremente, sem constrangimento nem restricção de especie alguma.

Ven.º Mestre, está terminada a 5ª instrucção.

Ven.º — Iir.º. Aprendizes, lêde e meditaes profundamente sobre esta instrucção; ella vos abrirá os olhos aos problemas mais transcendentés, cujo estudo ainda não vos é permittido, mas que se apresentarão, de certo, ao vosso espirito, fortificado e esclarecido com a symbologia dos numeros (!). Repousemos, meus Iir.º.

BANQUETES

Os banquetes se realizarão, sempre, no gráo de aprendizagem, para que todos os membros da Loja possam delle compartilhar. A sala em que se realizar deve ficar ao abrigo das vistas profanas.

A mesa, sempre que possível, será uma unica, em forma de ferradura, com a face interna livre, por onde se fará o serviço. Os irmãos sentar-se-ão em torno, pelo lado externo, ficando o Veneravel Mestre no centro, o 1º Vigilante na extremidade do norte e o 2º Vigilante na do sul. A' direita e á esquerda do Veneravel Mestre ficam os convidados. O Orador senta-se ao sul, em seguida ao 2º Vigilante; o Secretario, ao norte, logo depois do 1º Vigilante. O M.'. de CC.', para maior regularidade e ordem, fica á direita do 1º Vigilante, na face interna da mesa. Os demais officiaes e irmãos não têm lugares fixos.

Si, porém, a mesa não comportar na face externa todos os presentes, poderão se sentar os irmãos no lado interno, equitativamente distribuidos a partir dos Vigilantes.

Todos os objectos de mesa deverão ser collocados em filas equidistantes e parallellas. A 1ª, mais proxima dos irmãos, de pratos e talheres; a 2ª, de copos e taças; a 3ª, de garrafas e a 4ª, de flores e enfeites, etc.

Em todos os banquetes ha brindes obrigatorios, sendo o primeiro feito pelo Veneravel Mestre, a cujo criterio fica o inicio dos brindes, que serão annunciados, após um golpe de malhete, pelo M.'. de CC'.. Durante os brindes cessam as mastigações. Os brindes obedecerão á seguinte ordem que não poderá ser alterada:

1º — Ao Chefe da Nação e ao Governo, pelo Veneravel Mestre.

2º — A' Seren.'. Gr.'. Loj.'. e a seu Gr.'. Mestre, por um Ir.'..

3º — A' Loja e a seu Veneravel, por um Ir.'..

4º — Aos Iir.'. 1º e 2º Vigilantes, por um Ir.'..

5º — Aos Iir.'. Visitantes e ás Lojas da Obediencia, pelo Orador.

6º — Aos Officiaes e demais Irr.: da Loja, por um Ir.:

7º — Aos IIr.: infelizes e soffredores espalhados pela superficie da terra, pelo mais moderno dos IIr.: do quadro.

Si houver algum brinde especial, este será feito logo depois do 2º.

O annuncio dos brindes feito pelo Ir.: M.: de CC.: será o seguinte: *O Ir.: F... vae levantar o brinde em honra a...*

O ultimo brinde, porém, será annuciado com todas as formalidades pelo Ven.: Mestr.: e VVig.:, devendo, durante elle, reinar o mais absoluto silencio. O Ir.: que o fizer, fallará detraz da cadeira do Veneravel Mestre. Terminada essa oração, findará o banquete em absoluto silencio.

ERRATA

Apesar dos esforços empregados na revisão das provas, foi impossivel evitar descuidos de nossos empregados, quando da collocação das emendas feitas e da impressão por quêda ou amassamento de algumas letras.

A falta de letras facilmente poderá ser notada e corrigida, mas, as falhas abaixo alteram, por completo, o sentido e, por isso, chamamos a attenção dos IIr.: para ellas:

Pagina	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
14	18	cubica polida	pedra bruta
14	19	pedra bruta	pedra polida
20 ✓	4	v.: s.:	v.: s.: p.: t.:
24 ✓	19	Que tempo devemos	Durante que tempo devemos
30 ✓	11	incineração	iniciação
34 ✓	2	em que	em quem